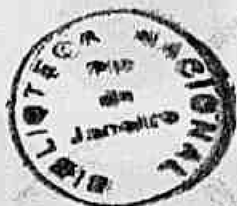


Nº 23 ★ 9-6-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

★ TYRONE POWER, O REI DO "FLIRT"

★ O CASAL JEAN SIMMONS - STEWART GRANGER

★ REPORTAGENS COM GLAUCE ROCHA E NICOLE BERGER

★ LAURENCE OLIVIER ENTRE OS GRANDES VULTOS


INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM! É QUE É A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46·48 - SETE DE SETEMBRO 199·201

Danny Robin a jovem atriz que interpreta o papel-título numa seqüência do filme.

SUMÁRIO

CENA nº 23 de 9/6/1954

REPORTAGENS ESPECIAIS

Melhores de Todos os Tempos .. 6
Nicole Berger 10
Um Sonho em Versailles 14
Jean Simons e Stewart Granger 18
Quais os Filmes que Desejaria Rever 20

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-Estréia: «Juliette» 3
Grandes Vultos: Laurence Olivier 4
Nossa Capa 16
Segredos da Tela 17
Cinema Brasileiro 20
Novela das Imagens 22
«Ballet» 26
Cartazes em Revista 28
Teatro 30
De Todo o Mundo 31
Cine Respostas 32
Rádio 32
Página do Leitor 33

Juliette

PRÉ-ESTRÉIA 3

(JULIETTE)

APRESENTADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

DE quando em vez é bom divagar em meio do ingênuo. A ânsia da busca financeira tem levado os produtores a tantas acentuações mórbidas que um filme como o atual tem o significado de fuga. Frente à acentuação de sexo do cinema atual a história pode ser até considerada de irreal. Juliette é uma moça de espírito puro. Sem saber como, tornam-a noiva de um príncipe que reside em Paris, distante da sua cidade. O destino favorece um imprevisto e, em meio de uma viagem, perde-se da família e aceita a hospedagem de outrem, em sua casa de campo. Descortinando, desta maneira, uma oportunidade de fugir ao compromisso com um príncipe que não amava, se deixa ficar, à revelia do desejo do seu hospedador, no sótão da sua habitação. A malícia ou a maldade não invade êste par nem mesmo à noiva do proprietário da morada, que costuma passar dias na casa do eleito. Embora daí por diante seja fácil ao espectador adivinhar a evolução que despontará ao trio, ainda assim, as imagens conseguem interessar. Tudo porque foi mantida uma atmosfera de poesia discreta, de simplicidade e ternura fugaz da parte do diretor Marc Allegret. Sente-se que a origem, um livro de Louise de Vilmorin, deve ser deliciosa como leitura. A realização, embora não alcance nada de invulgar, mantém o preciso halo de um lirismo que a tendência material dêste mundo tanto tem tentado sufocar. Conseqüentemente, fácil é perdoar o arranjo para as soluções finais, em que o excesso de coincidência — de trio, o fio amoroso se encaminha para um salvador «quarteto» afetivo — do romance ou talvez da adaptação e roteiro de François Giraud. Afinal, respira-se uma pureza que se está tornando abstrata na atualidade e o conjunto promove uma lembrança de irrecusável agrado.

Dany Robin consegue sugerir a sutileza de uma adolescente que não vislumbra o mal e se diverte com tudo e todos. Embora Jean Marais não fôsse a personagem ideal para o advogado, consegue um apreciável nível de interpretação. Muito preciosos os demais: Denise Grey, Jeanne Moreau, Nicole Berger (que A CENA entrevistou no presente número, pois integrou o elenco da Companhia Barroult: leiam — «A mais linda e jovem «estrêla» da França) em seu primeiro e pequeno papel no cinema, figurando a brejeira irmã da heroína, já demonstrava a sua sensibilidade. O príncipe é Bernard Lancret, exagerado, e François Joux interpreta bem a sua «ponta» de comissário. Henri Alekan foi o grande fotógrafo de sempre e a música de Guy Bernard se harmoniza ao delicado ambiente das imagens.

JONALD

O discutido Jean Marais, consegue em «Juliette» uma atuação dicreta, porém marcante.



OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE (E DO PASSADO)

XI—LAURENCE OLIVIER

De H. ANDERSEN



I — O PERFIL

(Por JONALD)

Através do conhecimento pessoal que tivemos o ensejo de manter com o biografado, em Londres, em 1951, por intermédio da sua imensa arte de representar, tanto no palco quanto na tela, estamos em face de um dos maiores realizadores de dois campos tão diversos: o cinema e o teatro.

Trata-se de uma impressionante personalidade: Possuidor de invulgar cultura reflete tôda a sua grande evolução na finura e sobriedade dos menores gestos e palavras. Dono de poderosa dicção, tem a glória de transmitir, no seu mais elevado grau, tôdas as nuances da alma humana. Sóbrio, distinto e profundo nas observações, fornece sempre a impressão de um apurado raciocínio antes de emitir os conceitos. Na questão artística tem mostrado sempre uma imensa profundidade. Muito tempo antes de viver «Hamlet» deixara constantemente transparecer um sentido angustioso em muitas das suas composições. Assim aconteceu em vários dos seus melhores filmes: «O morro dos Ventos Uivantes», «Rebeca» ou no Lord Nelson de «That Hamilton Woman». Embora admiràvelmente versátil, tem no tipo introvertido o temperamento que melhor se amolda à sua personalidade. Porém, Laurence Olivier tem demonstrado idêntico talento para o humorismo discreto. Na grande peça de Shakespeare, «As You Like It», exibido no Brasil em 1937, teve oportunidade de mostrar esta aptidão, o mesmo acontecendo com a comédia «Skin of Your Teeth». É um dos mais incisivos exemplos de devotamento à causa da arte. Vem cumprindo uma alta missão no mundo artístico, prodigalizando inestimáveis ensinamentos em tôrno das duas artes que abraçou com tanto amor.

II — A CARREIRA E A EXISTÊNCIA

(Por H. ANDERSEN)

Laurence nasceu na cidade de Dorking, Inglaterra, a 22 de maio de 1907. Seu pai era o reverendo Gerard Kerr Olivier. Como filho de pastor protestante cursou todos os estudos da Universidade Teológica, preparando-se como supunham os seus para a carreira eclesiástica. Sua vocação artística foi entretanto bem mais forte e invencível, conseguindo sobrepor a qualquer desejo e plano de sua família. Assim aos 17 anos obteve, com a permissão paterna, a matrícula numa escola de arte dramática. Estudou na Escola Central de Arte Dramática. Seu talento era enorme e em um ano apenas conseguiu um convite para atuar na companhia de Comédias dirigida por Edith Graig, filha da

Hábil diretor, Olivier conseguiu levar o «Hamlet» ao cinema, sem trair Shakespeare.

famosa Ellen Terry. Então apareceram para o grande ator as primeiras dificuldades próprias daqueles que surgem aos poucos, do anonimato: as «tournés» no interior. Só depois de algum tempo tem a «chance» de aparecer para o público londrino como Capitão Stanhope da peça «Journey's End». Desde então começaram surgir as oportunidades vantajosas, principalmente para representar em peças de Shakespeare, que consagraram o ator. Em 1929 Laurence Olivier, pela primeira vez, vai participar de espetáculos fora da Inglaterra. Seu objetivo era a América, onde posteriormente iria trabalhar também para a cinematografia. A 11 de setembro de 1929 faz a sua primeira aparição em palcos novairquinos como Hugh Bromilow em «Murder in second floor».

Em dezembro do mesmo ano já estava Laurence Olivier entre os seus patrícios para representar, no Fortune Theatre, «The Last Enemy», e seu papel na peça era o de Jerry Warrender.

Em 1931 o ator já renomado voltava ao público de Nova York trazendo-lhes o seu êxito inglês: «Private Lives». Nesta ocasião chamaram-no a Hollywood.

Um interessante episódio acontecido na cidade do cinema vale a pena ser citado: Laurence, que obtivera grande sucesso nos palcos da América, passou a chamar a atenção dos homens de Hollywood e recebeu um convite para atuar ao lado da grande atriz da época: Greta Garbo. Entretanto, Greta estava possuída de profunda afeição pelo seu costumeiro galã, que era John Gilbert. Filmar-se-ia «Rainha Cristina», de Mamoulian, e Laurence Olivier teria o papel de destaque ao lado da sueca. Greta, apesar de recente desilusão com Gilbert, mantinha-se firme em protegê-lo. Usando de astúcia conseguiu que Laurence voltasse ao palco e . . . filmou ao lado do seu galã preferido!

Mas em 1931 estreou realmente no cinema americano no filme da Fox, «The Yellow Tickt», e no mesmo ano «Westward Passage». Posteriormente fêz para a Metro «Friends and Lovers». Em 1933 tomou parte na película «No funny Business», juntamente com Gloria Swanson.

Também na Europa, quando fazia «tournés», recebeu convite para filmar ao lado de Lillian Harvey. A película intitulava-se «The temporary Widow». Na Inglaterra fêz «Perfect Understanding». Enquanto isto sua carreira no palco continuava de maneira esplendorosa alcançando o «climax» na representação de «Edipo», de Sófocles, e «Rei Lear», de Shakespeare. Suas preferências recaíam sempre sôbre o grande dramaturgo inglês e não houve uma peça de Shakespeare que não estivesse numa lista de obras a representar nas suas temporadas teatrais, quer na Inglaterra ou em «tournés» pelos países da Europa ou na América.

Durante a guerra estêve na Austrália e na Nova Zelândia. Pertenceu aos mais famosos grupos teatrais e representou ao lado de excepcionais atores que constituem uma das riquezas da Inglaterra.

Sua carreira no cinema entrava em ascenção: em «Fogo sôbre a Inglaterra», quando teve início o romance com Vivien Leigh; personificou depois, de maneira impressionante, Lord Nelson em «That Hamilton Lady»; estêve ao lado de Greer Garson em «Orgulho e Preconceito»; em «Invasão de Bárbaros» contou com dois grandes atores como companheiros de atuação: Leslie Howard e Anton Walbrook. Em «Morro dos Ventos Uivantes» era o ofendido e humilhado Heathcliff que amava desesperadamente a bela! (Merle Oberon).



Laurence Olivier e Renée Asherson numa cena do filme «Henrique V», uma extraordinária reverência a Shakespeare.

Ainda ao lado de Leslie Howard atuou em «Paralelo 49».

«Rebeca» foi sem dúvida um dos grandes sucessos de bilheteria e trazia um valor no seu elenco — Laurence Olivier, que com sua impressionante máscara, emprestava ao personagem um caráter tão vigoroso que seria injusto não classificar esta sua atuação entre as suas melhores no cinema.

Mas a personalidade do ator iria se desdobrar noutra atividade dentro do cinema — como realizador.

«Hamlet», obra-prima dentro do gênero «cinema literário», tratado pelo realizador em relação a obra literária mais livremente do que em seu «Henrique V» (também adaptado de Shakespeare). «Hamlet» ultrapassou sob alguns aspectos tôda sua obra anterior. Sua «performance» foi verdadeiramente excepcional como Hamlet. As opiniões a respeito desta obra de cinema se dividem e muitos dizem que ela não obedece àquelas «leis» que devem ser respeitadas quando se deseja fazer cinema.

«Henrique V», sem as «audácias cinematográficas» de «Hamlet», trazia ao espectador todo o sabor das iluminuras que sugerem a vida e costumes do século XIV e XV. Laurence procura com o amor e paciência de um cinzelador ou de um gravador, os manuscritos do século XIV e vai reproduzi-los nos seus «decors» de «Henrique V». Inesquecíveis imagens!.

Em 1935 Laurence Olivier já atuara no cinema numa adaptação da peça shakespereana: «As you like it». Sua companheira era Elizabeth Bergner, uma das maiores atrizes do mundo.

Sua espôsa atual é a belíssima Vivien Leigh, uma das maiores atrizes do cinema. Foi agraciado com o título de «Sir» devido ao seu trabalho em prol da arte de representar na Inglaterra.

Sir Laurence Olivier, que deveria seguir a carreira eclesiástica, tornou-se pelo seu brilhante talento um dos grandes vultos da tela. Serão pequenas tôdas as homenagens que se lhe possam prestar no presente e no futuro. É um nome que ficou para sempre em um halo de respeito.



Laurence Olivier e Vivien Leigh, famoso casal do cinema inglês, começaram o seu amor neste velho e belo filme: «Fogo sôbre a Inglaterra».

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

DE JONALD, exclusivo para "A CENA"
(Continuação dos números anteriores)

1941 (Final)

"NÃO COBIÇARÁS A MULHER ALHEIA" (RKO). Pena que Garson Kanin, apesar da alta categoria dos seus filmes, tenha passado tão pouco tempo na direção, pasando, depois, para outros mistéres. Nesta película deixou a comédia satírica pelo drama e o fêz com a mesma personalidade. Carole Lombard e William Gargan estiveram ótimos; "ORGULHOSO" (Metro). A novela de Jane Austen, "Pride and Prejudice", a excelência do roteiro e os notáveis desempenhos de Laurence Olivier, Greer Garson, Marsha Hunt, Ann Rutherford, Edna May Oliver e outros a um realizador sem grande fôlha de serviços, Robert Z. Leonard, a obter um filme de valiosa categoria; "O MUNDO É UM TEATRO" (Metro). Pelas mesmas razões acima, o mesmo diretor novamente surpreendeu, com um muito apreciável estudo sôbre os bastidores da ribalta. James Stewart, Heddy Lamarr, Lana Turner e Judy Garland lograram boas "performances"; "FÚRIA NO CÉU" (Metro) W. S. Van Dyke dirigindo um dos primeiros trabalhos de Ingrid Bergman em Hollywood soube criar uma atmosfera de "suspense" aliada a emoção interior. A atriz sueca brilhou ao lado de Robert Montgomery e George Sanders; "OS QUATRO FILHOS DE ADÃO" (Columbia). Outra das iniciais películas de Ingrid nos Estados Unidos que também resultou em filme de reais méritos, com Gregory Ratoff inspirado; "SERENATA PRATEADA" (Columbia), George Stevens, um dos maiores diretores da atualidade, orientando com sabedoria um drama de âmbito familiar. Gary Grant e Irene Dunne em louváveis desempenhos; "QUATRO MÃES" (Warners). O filme que encerrou a seqüência de histórias ligadas a qutro jovens. Em lugar de Michael Curtiz, a direção coube a William Keighley que manteve o interêsse da série. Priscila e Rosemary Lane, Claude Rains (que agora passava a avô), Jeffrey Lyn e Gale Page os principais; "SEU ÚNICO PECADO". A refilmagem de obra célebre do cinema silencioso, "A tentação da carne", com Emil Jannings, apesar do aspecto um tanto antiquado do tema, ainda ressurgiu como um distingüível espetáculo dramático. Louis King dirigiu bem e Akim Tamiroff, Gladys George e Muriel Angelus impressionaram; "MAJOR BARBARA" (Grã Bretanha, distribuição United), Gabriel Pascal dirigindo uma das apreciáveis peças de Bernard Shaw. Rex Harrison, Wendy Hiller (a heroina de "Pigmalion") e Robert Morley, grandes atores inglêses, elevaram o espetáculo; "SEDUTORA AVENTUREIRA" (20 th. C. Fox). Gregory Ratoff, no mais destacado período da sua trajetória no cinema, logrou um filme tanto delicioso quanto pleno de emoções. Vera Zorina, Eric Von Strohein e Richard Green agradaram bastante; "ASAS NAS TREVAS" (Metro), Frank Borzage, embora já não fôsse o mesmo de outrora, ainda conseguia filmes de valor como êste. Ruth Hussey, Walter Pidgeon e Robert Taylor os melhores do elenco; "GAVIÃO DOMAR" (Warners). Uma refilmagem de uma das glórias do cinema silencioso, filme do mesmo titulo, interpretado por Milton Sils. Os tratadistas consideram que foi tão bom quanto o outro, tão remoto (1924). Errol Flynn, Brenda Marshall e Claude Rains as figuras principais; "O INIMIGO X" (Metro). O genial King Vidor retornou ao cinema a fim de orientar, com muito espirito, uma farsa com transcurso na União Soviética; Clark Gable e Heddy Lamarr estiveram soberbos na direção de um dos mestres do passado; "JUDEU ERRANTE" (Grã Bretanha) Maurice Elvery realizou um filme de belo conteúdo e forma. O grande Conrad Veidt em um dos seus

«Fantasia» (RKO), o melhor desenho de longa metragem do cinema falado e a obra-prima de Walt Disney.

«Sangue e Areia» (20th. C. Fox), o ótimo filme de Rouben Mamoulian, com Tyrone Power e Rita Hayworth.

«O pecado dos homens» (Paramount), de Louis King, refilmagem de «A tentação da carne», com Akim Tamiroff e Muriel Angelus.

inesquecíveis trabalhos; "PAIXÃO FATAL" (Universal). Marcou um fato de importância: a estréia de René Clair em Hollywood. Recentemente, revimos esta película, em Buenos Aires, no Cine Clube Argentino. Há, efetivamente, marcas do gênio de Clair mas, em conjunto, nota-se a desambientação em orientar um assunto de caráter regional americano. ("The Flamme of New Orleans"). Ainda assim divertiu e proporcionou a Marlene Dietrich boa atuação, secundada por Bruce Cabott e Roland Young que, pitorescamente, disputam, em todo o filme, o amor da heroína; "NAS SOMBRAS DA NOITE" (Grã Bretanha). Michael Powell em outra afirmação de um talento que caminhava em sentido crescente. Novamente, outro magnífico desempenho de Conrad Veidt, ao lado de Valerie Hobson; "DENTRO DA NOITE" (Warners). Filme de grande densidade emocional, não contasse com o valor de Raoul Walsh, interessado em obter um belo filme. Ida Lupino, Ann Sherida ne George Raft em atuações de vulto; "ANJOS DA BROADWY" (United). Um curioso filme de Ben Hecht, também um magnífico cenarista, com Douglas Fairbanks Júnior, Rita Hayworth e Thomas Mitchell; "CORAÇÕES HUMANOS" (Universal). A refilmagem de "Esquina do Pecado", sem o mesmo valor do primitivo, sempre foi um trabalho louvável. Margaret Sullavan e Charles Boyer os protagonistas centrais; "AS TRÊS NOITES DE EVA" (Paramount). Merece ser citado, além dos seus méritos, para fixar o "ciclo" de Preston Sturges, em plena efervescência. Dois bons atores, Barbara Stanwick e Henry Fonda contribuiram para o êxito; "COMANDO NEGRO" (Republic) Raoul Walsh em filme de certa intensidade e com bons desempenhos de Claire Trevor, Walter Pidgeon e John Wayne; "A CIDADE QUE NUNCA DORME" (Paramount) William Wellmann, orientando com realismo e sentimento uma película de fôrça, descritiva e emocional.

1 9 4 2

Enquanto a segunda guerra mundial atingia o seu "climax" na Europa, a repercussão nas artes em geral se fazia sentir cada vez mais. Embora tivesse sido notável o nível da produção americana, exibida no Brasil em 1942, no panorama geral, com a ausência da França e de outros mercados se fazia sentir uma queda. Assim, entre os 60 melhores do ano, os Estados Unidos dominavam amplamente com 52 filmes classificados. A Grã Bretanha, com tôdas as dificuldades, conseguiu apresentar 6 filmes de valor, a Austrália ("40.000 cavaleiros") um e a Tche-



«O homem que vendeu a alma» (RKO), de William Dieterle, um dos grandes filmes de 1942. Walter Huston, Simone Simon, Edward Arnold e outros.

«Rosa de esperança (Metro), o belo filme de William Wyler, com Walter Pidgeon, Greer Garson e Teresa Wright, outro dos máximos de 1942.



«Como era verde o meu vale» (20th. C. Fox), um dos destacados filmes de John Ford e do ano de 1942, com Mauren O'Hara, Walter Pidgeon, Ruddy McDowell e outros.





«Soberba» (RKO), o melhor filme exibido no Rio em 1952, foi uma inesquecível obra-prima de Orson Welles. Joseph Cotten e Dolores Costello foram as personagens centrais.



«Suspeita» (RKO), de Alfred Hitchcock com Joan Fontaine e Cary Grant



«Confissões de um espião nazista» (Warner), de Anatole Litwak, com Paul Douglas, Francis Lederer e Edward G. Robinson.

«Amemos outra vez» (Universal), com Margaret Sullavan e James Stewart, um par que muitas vêzes filmou junto.



coslovaquia ("Janosick"), também um. Conforme ocorrera com o ano anterior, autênticas obras primas surgiram nesta temporada.

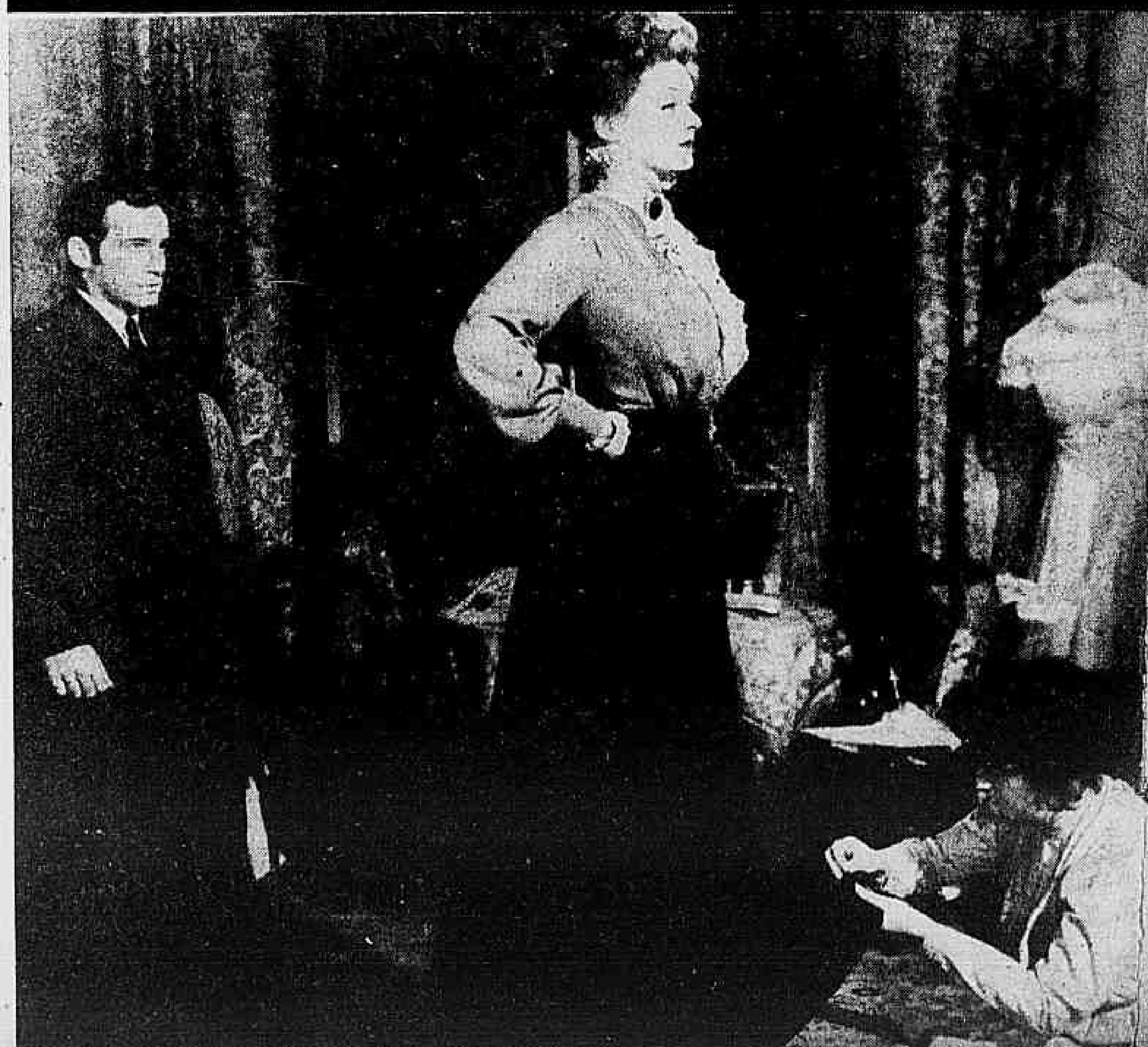
Ao mesmo tempo, expressivo fato foi o início de um dos mais extensos "ciclos" da história do cinema, o dos filmes de guerra. Impressionante e ao mesmo tempo artística essa primeira investida do cinema onde pontificar... filmes do valor de "Invasão de bárbaros" (o melhor de todos), "Náufragos" (ambos figuram na seleção dos 10 melhores do ano) além de "Tempestades d'alma", "Confissões de um espião nazista", "Paris está chamando" e outros que serão lembrados no próximo número. Em síntese, vale a pena citar números. A 20 th. C. Fox realizou 15 filmes do gênero, a Warners 10, a Paramount 9, a Republic e Columbia 7, a Universal e Metro 5, a RKO 3 e a Monogram 4. Vejamos os 10 principais do ano:

1.º — "SOBERBA" ("The Magnificent Ambersons", RKO). O maior filme do ano foi inspirado em uma novela de Booth Trakingtn. Focaliza a vida social americana entre os anos de 1880 a 1914. Magistralmente dirigido por Orson Welles que, desta feita, apresentou um conteúdo de valor humano. Mostra a lição porque passa a personagem central cujo egoísmo, arrogância e autoritarismo arruinam a sua vida amorosa e promovem a derrocada de duas famílias. Por outro lado, fixou como o industrialismo abala o caráter dos homens. Embora a parte temática, o ritmo e interêsse descritivo e psicológico eram também excepcionais. A Joseph Cotten e Dolores Costello couberam as maiores glórias interpretativas da realização. Welles, preocupado apenas em dirigir, apresentou outra das maiores realizações da história do cinema falado.

2.º — "COMO ERA VERDE O MEU VALE" ("How Green Was My Valley", 20th. C. Fox). A obra de Richard Llevellyn, com as suas páginas evocativas de austeros costumes do seu país, foi alvo de cuidados artísticos especiais. A direção de John Ford impregnou as imagens da poesia e da sinceridade natas ao seu espírito. A Grã Bretanha também efetuou um filme com o mesmo tema, dirigido por Carol Reed, em 1939: "The Stars Look Down" (com Michael Redgrave e Margaret Lockwood). Na versão de Ford, Walter Pidgeon, Maureen O'Hara, Ruddy Mc Dowell, Ann Todd, Patric Knowles, Donald Crisp e Anna Lee estiveram irrepreensíveis.

3.º — "ROSA DE ESPERANÇA" ("Mrs. Minniver", Metro). O heroísmo com que o povo britânico suportou as agruras da guerra bem que merecia uma reverência em imagens. O estilo do diretor William Wyler, a sua objetividade, a argúcia psicológica, a intensidade emotiva estão bem caracterizados nas imagens. Particularmente belos o "climax" — a retirada de Dunquerque — e o epílogo, com transcurso na igreja em ruínas. Sinceros e

«Pérfida» (Warner), um magistral filme de William Wyler, com Bette Davis, Herbert Marshall e Teresa Wright



expressivos os desempenhos de Walter Pidgeon, Greer Garson e Teresa Wright.

4.º — "JANOSICK" (Tchecoslováquia). A reversão de uma encantadora lenda — uma espécie de Robin Hood tcheco — em um filme que surpreendeu o mundo. Poesia e ação se amoldavam com invulgar. O conjunto se traduzia em uma dessas atmosferas que jamais se esquecem. Direção de Karel Blicka demonstrando rara personalidade. Entre os intérpretes, destacava-se Pablo Bielick. A incompreensão dos exibidores em tôrno do incomum aspecto dêste filme fêz com que fôsse estreado no Rio em caráter de "bólide" (em um secundário cinema de bairro, o Tijuca!). Cnseqüentemente, não ficou conhecido do grande público a que se destinava!

5.º — "O HOMEM QUE VENDEU A ALMA" (RKO). A célebre novela de Stephen Vincent Benet em uma obra tão excepcional quanto o livro. Repleto de ensinamentos, foi bem assimilado pela sensibilidade de William Dieterle, naquela época em inspirada fase da sua carreira. Grande elenco com Walter Huston (em um dos seus melhores desempenhos), Simone Simon, Edward Arnold, Anne Shirley, H. B. Warner e James Craig.

6.º — "QUE ESPERE O CÉU" ("Here Comes Mr Jordan", Columbia). Possivelmente, a melhor comédia de 25 anos de cinema falado. A notável peça de Harry Segall "Heaven Can Wait" foi desenvolvida com extraordinária felicidade por Alexandre Hall. Trata-se de uma divertidíssima brincadeira com a doutrina espírita mas encerrando, em meio das pilhérias, autênticas e bem provadas verdades científicas. De igual atrativo tanto para os que vislumbrassem êste aspecto quanto para o público em geral. Robert Montgomery em magistral atuação ao lado de valioso "cast": Claude Rains, Evelyn Keyes, Edward Everett Horton e Rita Johnson.

7.y — "O GRANDE DITADOR" ("The Great Dictator", United). Outra excepcional realização, uma sátira do genial Chaplin às ditaduras da época. Na forma do costume, havia notabilíssimas idealizações embora não figure êste filme entre as suas mais destacadas realizações. Paulette Goddard, então sua espôsa e Jackie Hoackie, esplêndido na caricatura de Mussolini, figuram no elenco.

8.º — "PÉRFIDA" ("The Little Foxes", Warners). Inspirado na magnífica peça teatral de Lillian Hellmann foi mais um dos profundos, humanos filmes do cineasta William Wyler. Dificilmente aparecerá outro diretor que compreenda com tanto objetivismo tanto as sutilesas do íntimo do ser humano e êste foi outro incisivo exemplo do talento. Através da sua orientação Bette Davis obteve uma perfeita atuação. Altas distinções merecem também Herbert Marshall e Teresa Wright, outros fortes cooperadores para esta honrosa obra de cinema.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

«Brumas» (20th C. Fox), de Archie Le Mayo, com Jean Gabin e Ida Lupino.





«Que espere o céu» (Columbia), uma das melhores comédias das várias fases do cinema. Robert Montgomery e Evelyn Keyes, dirigidos por Alexander Hall.



«Rasputin» (França), com um dos gênios do cinema, Harry Baur, em uma das suas mais impressionantes caracterizações, com Anny Holt. Direção de Tourjaminski.



«O médic[illegible]onstro» (Metro), [illegible]va re[illegible]agem do re[illegible]nte livr[illegible] com Spenc[illegible] Tracy, [illegible] Lana Turner.

«Satã janta conosco» (Warner), com Monty Wooley, Grant Mitchell, Bette Davis e Ann Sheridan. Grande elenco, excelente peça e filme.





tato com o Teatro. Aluna do célebre professor René Simon e de outros, frequentou durante muito tempo êste curso onde foi companheira de Etchika Choureau. Cedo, antes mesmo de pensar em cinema encontrou o amparo de Claude Renoir que se interessou por ela e orientou-a muito, estimulando-lhe o amor pelo cinema. Êste amor que pretendia Renoir, é hoje "paixão". Em compensação, Nicole tornou-se a mais ardente admiradora da obra do famoso diretor. Considera-o o maior do mundo, muito embora sua mais viva emoção como espectadora, ela a tenha sentido ao assistir "Limelight" de Charles Chaplin.

Além de Renoir, encontrou também em Marc Allegret um verdadeiro amigo que sempre soube orientá-la na carreira cinematográfica, explicando-lhe pacientemente, sempre que se tornava necessário, as sutilezas da arte de representar.

— "Ah! Como êle me fêz trabalhar", conta-nos.

A propósito do filme "O Trigo Cresce", que a "A CENA" comentou por ocasião do Festival Internacional de São Paulo (Em uma pré-estréia da página 3). Assim se expressou:

— O problema abordado é dos mais belos e apaixonantes. Traz a cada um de nós, a idéia do que deveríamos ser, o sonho de cada pessoa. Eu, particularmente, posso dizer que gostei imenso do filme. Convivi com uma pessoa sem que ela tivesse existência real. Conhecia-a profundamente e me impregnei dela durante muito tempo, esta pessoa era a personagem que eu interpretava.

Nicole Berger é uma fã ardente do cinema italiano; viu em Paris o nosso "Cangaceiro" e, seria preciso vê-la falar; o entusiasmo apossou-se dela. Mostrou-se maravilhada através de gestos e palavras; não exitou em dizer:

"... Isto eu considero o verdadeiro cinema!"

Uma ponta de maldade (é preciso confessá-lo), levou-nos a perguntar o que entendia por "verdadeiro cinema". Ela "embatucou"

NO BRASIL, A MAIS JOVEM E LINDA "ESTRÊLA" DA FRANÇA

Reportagem de SANIN

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

Dizê-la bonita é tão fácil quanto verdadeiro. Descrevê-la seria impossível. Deixemos que as fotografias falem por nós.

Nicole Berger, a deliciosa loura da vitoriosa Companhia Teatral Jean Louis Barrault — Madeleine Renaud, é o brinde mais terno que o escrupuloso diretor poderia trazer-nos a nós cariocas, da França. Menina mimada do elenco, todos a olham com paternal andura como que expressando admiração pela sua graça e por ste ar de criança travêssa. Acresce que esta é a primeira incursão que Nicole Berger, a "estrêla" de "O Trigo Cresce" e "Jolieta", faz ao teatro profisisonal. Vejamos as suas próprias e meigas palavras:

— É intimidante a presença de uma platéia em qualquer circunstância. Nunca poderia pensar que minha primeira experiência teatral ocorresse numa temporada de tal responsabilidade como é esta da qual estou participando. Creio porém, que, apesar dos meus papéis serem pequenos, não tenho comprometido os espetáculos. Penso certo?"

— Certíssimo!

Muito embora seja esta realmente, a primeira vêz que Nicole Berger "enfrenta" o público teatral, não é êste seu primeiro con-



M. Dominique Rozin e Nicole Berger conversam em um entre-ato de peça.

Parece mamadeira mas não é. Apenas uma «mineral» a preço «astronômico». Nicole é assim, simples e cativante. Nada de copos!



No seu camarim, momentos antes de sua apresentação ao público, Nicole Berger retoca a maquilagem. A «estrêla» de «O Trigo Cresce», de Autant Lara é uma verdadeira maravilha!



que foi um caso sério. Mudou-se ràpidamente de assunto. Mas, já que estávamos em "O Cangaceiro", porque não falar em Brasil, em Rio?

— Uma cidade bonita, plena de verdes surpreendentes. Passeei muito, vi muitas coisas típicas que me impressionaram sobremodo mas, infelizmente, vi como um turista. Apenas a superfície. Gostaria de entrar em contato com as pessoas, com os hábitos do povo. Gostaria de misturar-me no meio dessa gente e sentir como pulsa seu coração. Isto lastimàvelmente não será possivel, parto breve e meu tempo de lazer aqui é insignificante.

— Quais os seus planos futuros?

— Estou incluída no elenco de "Yvette", próximo filme de Yves Allegret cujas filmagens serão iniciadas em Julho quando pretendo estar de regresso à França. O filme inspira-se no conto de Maupassant de mesmo nome mas, minha grande aspiração é viver um dia "La Rénard", personagem que me apaixonou totalmente com seu tipo de menina-moça endiabrada.

A hora avançara ávida em interromper a agradável entrevista. Os cenários já estavam sendo desmontados, os últimos caçadores de autógrafos deixavam nos corredores cheios de suas vozes, um silêncio de desamparo. As perguntas entravam garganta à dentro, impossíveis de serem perguntadas. Era o fim. "Boa Noite Nicole Berger!" Linda, loura e graciosa. Nós de "A CENA" desejamos-lhe muitas felicidades!"

DE TODO O MUNDO

SERVIÇOS COORDENADOS ESPECIALMENTE PARA «A CENA», por L. BOLTSHALSER



Clark Gable é fã de bailarinas. Isto ocorreu no «set» de filmagem da M.G.M., na Inglaterra, durante o intervalo de filmagem de «Never Let Me Go».

ITÁLIA

O sr. Herbert J. Yates, presidente da Republic Pictures, acaba de regressar aos Estados Unidos, vindo da Europa, onde em companhia de sua espôsa, a «estrêla» Vera Ralston, permaneceu durante oito meses tratando de interêsses relacionados com a sua Companhia. Durante o tempo em que permaneceu na Inglaterra, o sr. Yates examinou a produção de filmes estrangeiros, dirigiu uma série de conferências com os representantes da emprêsa e recebeu inúmeras homenagens devido aos seus 45 anos na indústria cinematográfica. Em Londres, o Conselho Geral da Associação Cinematográfica de Exibidores da Grã Bretanha e Irlanda homenageou o sr. Yates com uma recepção no Hotel Savoy, na qual foi entregue ao presidente da Republic um pergaminho mencionando tôdas as contribuições feitas por êle à indústria cinematográfica e o orgulho que a Associação sentia em tê-lo como um dos seus líderes. Em Roma, o sr. Yates foi distinguido com uma das mais altas condecorações italianas: a de «Comandante da Ordem do Mérito da República da Itália», sendo a sua apresentação feita pelo Secretário de Estado Giuseppe Ermini em nome do govêrno italiano. O sr. Yates recebeu ainda uma medalha de ouro outorgada pela «Trade Press Association». Essa medalha, que contém os dizeres: «Uma vida dedicada ao cinema», é sòmente concedida em raras ocasiões e a homens de renome que realmente dedicaram suas vidas a indústria cinematográfica.

Por outro lado anunciou uma reorganização no seu Departamento Mundial, a ser imediatamente efetuada. Para o pôsto recém-criado, de Diretor Mundial de Vendas, foi nomeado o sr. Richard Altschuler, que vinha exercendo, simultâneamente, os cargos de presidente e gerente do Departamento de Vendas da Republic International.

Após o seu regresso da Europa, onde fêz cuidadosos estudos, o sr. Yates declarou achar-se convencido de que os contrôles, tanto no seu país como no estrangeiro, deveriam ser dirigidos por uma só pessoa, isto é, por um só diretor. Declarou ainda o sr. Yates que, hoje em dia, tornou-se mais importante do que antigamente programar a estréia de películas nas Capitais estrangeiras conjuntamente com os Estados Unidos. Isso prende-se ao fato de que a distribuição de filmes, no exterior, deve aproveitar tôdas as vantagens que oferecem as campanhas levadas a efeito para as estréias de películas nos Estados Unidos, ao invés de esperar seis meses ou mais' conforme vinha sendo feito no passado.

EGITO

Apesar de tôdas as agitações políticas no Egito, pensa-se em organizar para o próximo mês de novembro, um Festival Cinematográfico Internacional, no Cairo. Excelente propaganda turística para o Egito, justamente no período do ano em que mais afluem os visitantes.

Na Itália, numa cerimônia que contou com a presença de jornalistas, o sr. Yates, presidente da Republic, é distinguido pelo sr. Giuseppe Ermini, secretário do govêrno. Ao lado, sua espôsa Vera Ralston.



INGLATERRA

Uma nova canção foi composta por Chaplin para seu próximo filme: intitula-se "Ecce homo" e é baseada na paixão de Cristo. Cantará a composição de Chaplin, pròvàvelmente, Beniamino Gigli, que recentemente encontrou-se em Londres com o grande cineasta. Nada mais se sabe sôbre o filme de Carlitos, a não ser que êle pretende realizá-lo no México. Recorde-se que a grande ambição da vida de Chaplin sempre foi encarnar o Cristo.

"Trouble in the Glen" é o título de uma nova produção anglo-americana presentemente em filmagens em Londres. Trata-se de um filme colorido, estrelado por Orson Welles, Margaret Lockwood, Victor McLaglen e um grupo de atores inglêses e escoceses. A direção da película foi entregue a Herbert Wilcox, que é também co-produtor do filme.



Terry Moore e seu irmão Willi, durante a filmagem de «Rebelião na Índia», com Tyrone Power, em Cinemascope.

ESTADOS UNIDOS

Stanley Kramer, que acaba de firmar contrato com a United Artists, será pròximamente o produtor de um filme extraído do romance «Not a Stranger», de Morton Thompson. Kramer ofereceu a Marlon Brando o papel principal, ficando o ator de decidir após a leitura do argumento, se aceitará ou não a oferta.

Shree North é o nome de uma nova e sensacional descoberta dos estúdios da Fox, que pretendem lançar a pequena com a mesma publicidade que tornou histórico o nome de Marilyn Monroe. A «new-comer» foi designada para substituir Marilyn em «Pink tights», onde atuará em companhia de Frank Sinatra.

Sem dúvida invejosa dos lauréis de Ingrid Bergman, também Greer Garson pretende ser «Joana na fogueira» no próximo outono. Antes disso, porém, a Warner reserva para ela «A estranha senhora da cidade».

Montgomery Clift está tão entusiasmado com a adaptação cinematográfica do «Moby Dick», de Melville, feita por John Huston, que dispôs-se a encarnar Ismael — ainda que à sombra da figura de Gregory Peck, «astro» do filme.

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

A 1.a APURAÇÃO DO VITORIOSO E SENSACIONAL CONCURSO

Considerando uma série de circunstâncias, a saber:

a) O extraordinário êxito alcançado, em todos os pontos do pais pelo Concurso de "Reprise"; b) a finalidade, que não é uma permanente disputa de opiniões, de filmes ou estúdios e, sim, um resultado sintético e expressivo de uma consulta ao público em geral; c) a circunstância de viajar, no próximo mês de julho, para a Europa o atual secretário desta revista que, assim, melhor poderá atender às principais solicitações precisamente do setor em que são mais dificeis de obter as "reprises"; d) que os objetivos já estão cumpridos e se deve abrir caminho para novas e atraentes idealizações; e) que ainda será dado um praso de 15 dias para que todos aquêles que ainda não enviaram as suas opiniões ou têm votos acumulados, o fazerem com o devido tempo; que o retrospecto que inspirou os leitores a solicitarem êste concurso, a série "Os melhores filmes de todos os tempos" já está alcançando recentes épocas que dispensam a revivescência para a lembrança dos pedidos.

Resolve, em conseqüência, a orientação do concurso marcar a data de quarta-feira, 22 de junho, às 12 horas como encerramento do praso para a entrega dos "coupons".



«Os Melhores Anos de Nossa Vida», um dos filmes mais votados pelos leitores no concurso que tanta sensação está causando.

Grande divisão de votos foi a carecteristica dominante na apuração. O fato de muitos dos filmes votados já terem sido "reprisados" nesta ou naquela cidade e ainda receberem forte votação prende-se naturalmente ao desejo de outros centros, onde ainda não foram reapresentados desejarem naturalmente assisti-lo. "A CENA" sente-se desde já satisfeita com o resultado obtido desde logo após a inauguração do concurso, em abril p.p. do corrente ano. Agora, a volação dos leitores:

1º—"O MORRO DOS VENTOS UIVANTES" — 4.371
2º—"A FELICIDADE NÃO SE COMPRA" — 4.280
3º—"OS MELHORES ANOS DE NOSSA VIDA" — 4.203
4º—"O TESOURO DE SERRA MADRE" — 3.915
5º—"NA COVA DAS SERPENTES" — 3.882

Seguem-se: "Monsieur Verdoux" — 3.674; "Rebecca" — 3.639; "Boulevard do crime" ("Les Enfants du Paradis") — 3.424; "A Terra dos Deuses" — 3.218; "Cidadão Kane" — 3.005; "As chaves do reino" — 2.897; "Isto acima de tudo" — 2.813; "Carnet de baile" — 2.619; "Adeus Mr. Chips" — 2.599; "... E o vento levou" — 2.570; "Adúltera" — 2.243; "Por quem os sinos dobram" — 2.008; "Farrapo humano" — 1.904; "Ídolo, amante e herói" — 1.773; "Dama das camélias" — 1.766; "Como era verde o meu vale" — 1.698; "Mascarada" — 1.644; "Vinhas da Ira" — 1.525; "Grande motim" — 1.487; "Desencanto" — 1.390; "O delator" — 1.346; "Hamlet" — 1.343; "No teatro da vida" — 1.287; "Viva Villa" — 1.206; "Soberba" — 1.113; "Cais das sombras" — 1.040; "Grande Valsa" — 1.003; "Tulsa" — 979; "Do mundo nada se leva" — 957; "Paixão dos fortes" — 918; "Cavalcade" — 875; "Adeus às armas" — 834; "Emile Zola" — 834; "A ponte de Waterloo" — 829; "Amar foi minha ruina" — 820; "Amantes eternos" — 799; "Horizonte perdido" — 795; "O grande ditador" — 792; "Nossa cidade" — 788; "Jane Syre" — 742; "Lanceiros da Índia" — 703; "Luzes da cidade" — 699; "Madame Waleska" — 655; "Que espere o céu" — 632; "A noite tudo encobre" — 618; "Beau Geste" (versão falada) — 607; "Sonho de uma noite de verão" — 588; "E as chuvas chegaram" — 557; "Sapatinhos vermelhos" — 543; "Senhoritas de Uniforme" — 529; "Um grito nas selvas" — 526; "Mãe por acaso" — 517; "Sinfonia do passado" — 510; "Teresa" — 482; "Romeu e Julieta" — 466; "Roseanna" — 460; "Maria Antonieta" — 499; "Monsieur Vincent" — 440; "O homem leopardo" — 377; "Alvorada do amor" — 260; "Um barco e nove destinos" — 248; "Brinquedo proibido" — 239; "A hipócrita" — 227; "Canção da Índia" — 222; "Casablanca" — 214; "Carta a uma desconhecida" — 210; "Em busca do ouro" — 197; "Corcunda de Notre Dame" — 174; "Escravos do desejo" (versão de Bette Davies e Leslie Howard) — 170; "Apenas um coração solitário" — 165; "A cidadela" — 153; "Depois do vendaval" — 150; "O diabo disse não" — 149; "Hans Chrisian Andersen" — 144; "Mazurka" — 133; "Intermezzo" — 125; "M, o Vampiro de Dusseldorf" — 119; "Outra Aurora" — 107; "Madame Bovary" — 100; "Um lugar ao sol" — 89; "Punhos de campeão" — 83; "Kermesse Heróica" — 77; "Amar foi minha ruina" — 67; "Rainha Christina" — 65; "Trágico amanhecer" — 62; "Tudo isto e o céu também" — 59; "Rembrand" — 55; "Orgulho" — 55; "Jennie" — 51. E outros menos votados.

No próximo número: a 1ª apuração de "O melhor filme de quaiquer fase do cinema", cujo término para o recebimento será no mesmo praso acima fixado.

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1. ....
2. ....
3. ....
4. ....
5. ....

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU, EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

....

NOME (ou pseudônimo) ....

ENDERÊÇO ....

CIDADE OU ESTADO ....

(Tôda a correspondência deverá ser endereçada a ROVLAND, Concurso de «Reprises»).

"ASTROS" E "ESTRÊLAS" BUSCAM NOVOS

L. BOLTSHALSER, exclusivo



Ida Lupino além de atriz é produtora.

Uma tendência bastante generalizada que se vem observando últimamente é o desdobramento das atividades dos atores cinematográficos. Hoje, êles não se contentam em ser «astros», ocupando paralelamente os postos de produtores ou diretores.

Vários são os motivos que determinam êsse comportamento. A vaidade é o mais comum dêles. Quando já se torna banal ter o nome figurando na fachada dos cinemas, o «astro» passa a ambicionar ler o seu no dos técnicos. E, naturalmente, a parte financeira não constitui um problema para êles. Mesmo porque, dispendendo novos capitais, reduzem as suas cotas nas taxas de impostos de rendas.

Outros procuram emoções diferentes com a nova e fascinante atividade. Mas a maioria dêles quer com isso ganhar a liberdade de escolher a história de seus filmes, seus diretores e o elenco. O certo é que os «astros» apenas adquirem o título de produtores. Pouco entendem do assunto, e não querem mesmo se envolver. Mas financiam o filme, o que lhes dá direito de intervir na escolha dos elementos que integrarão a equipe da película, ainda quando esta é estrelada por outros.

A posição de produtor é, muitas vêzes, um triunfo. Quando James Cagney rompeu com a Warner, alguns anos atrás, fundou, de sociedade com seu irmão, William, uma companhia produtora, com o nome de William Cagney Productions Incorp. Essa organização produziu algumas realizações interessantes, como «Um momento em cada vida» (The time of your life), e veio permitir a James Cagney negociar em termos mais vantajosos com as grandes produtoras que reclamavam seus serviços como ator. Posteriormente foi-lhe possível entrar em entendimentos com a mesma Warner, pois uma das coisas que fêz a companhia dos irmãos Cagney, foi adquirir os direitos cinematográficos de várias histórias em que a Warner estava particularmente interessada. Transformando-se em produtor, James Cagney agiu como um jogador muito experiente.

Também Bogart teve algumas diferenças com os estúdios de Burbank, não renovando seu contrato, e formando sua própria companhia, a Santana Prod. Sua estréia como produtor deu-se com «O crime não compensa», cujo ator principal foi o próprio Bogart. Atualmente, a Santana tem contrato com a Columbia, que distribui anualmente três filmes dessa organização. Um dos recentes triunfos da Santana foi «Uma Aventura na África», onde Bogart apareceu novamente magistral.

Ida Lupino depois de muitos anos de sucesso como atriz dramática fundou, de sociedade com seu segundo marido, o escritor-produtor Collier Young, uma emprêsa produtora. O divórcio não dissolveu a sociedade financeira de marido e mulher, e Ida produziu e dirigiu «O mundo é o culpado», filme de algum mérito. Agora, o «astro» habitual dos filmes de Ida Lupino é Howard Duff, seu terceiro marido. Assim, ela dirige e produz, o ex-espôso financia e escreve de parceria com Ida, e o novo consorte da atriz «estrela» o espetáculo. Tudo em família, como se vê.



James Cagney e seu irmão William fundaram a W. Cagney Prod. Inc.

OFÍCIOS E LUCROS



Ida Lupino e Howard Duff. O divórcio não dissolveu as finanças.

para «A CENA»

Também Mel Ferrer, depois de se revelar um intérprete de fôlego em «Fronteiras perdidas», andou produzindo e dirigindo autênticos «abacaxis» para Howard Hughes, como «Cada vida, seu destino» e «Vedetta». Felizmente o talentoso ator de «Lili», está atualmente mais interessado em desempenhar bons papéis do que dirigir maus filmes. Futuramente, talvez, e bem servido por uma história interessante, deverá melhorar.

Robert Montgomery trouxe, com seus filmes, algumas idéias novas, como aconteceu em «A dama no lago», no qual êle serviu-se de uma técnica cujo emprêgo em grande escala ainda era inédito.

A derrocada de Paul Henreid como ator («O ladrão de Damasco», «A Vênus de Bagdad») fá-lo desafogar suas mágoas produzindo filmes. Sua primeira experiência como produtor resultou num policial algo apreciável, «A cicatriz», que êle «estrelou» ao lado de Joan Bennett. Agora Mr. Henreid prepara-se para dirigir filmes. Esperemos alguma compensação.

Na Inglaterra, John Mills e Robert Donat seguem o exemplo de seus colegas americanos. A «The history of Mr. Polly», seguiu-se a produção do interessante «Sublime inspiração», que pode ser considerado uma realização louvável, sob todos os pontos de vista, e um triunfo para o produtor estreante, John Mills.

Robert Donat desejava chamar a si a inteira responsabilidade do sucesso ou do fracasso de «The cure for love». Êsse filme, por êle dirigido, produzido e interpretado, foi recebido com reservas pela crítica, mas o público londrino acolheu-o com entusiasmo.

Agora, Claudette Colbert e Kirk Douglas anunciam estarem interessados também na produção. A doença é mesmo contagiosa.

A maioria dos «astros» não fica permanentemente produzindo ou dirigindo filmes. De qualquer modo, êsse é um aprendizado interessante, que constitui uma vantagem para suas presentes carreiras, e, quem sabe, uma garantia para as incertezas do futuro...

Humphrey Bogart, ator excelente, produziu alguns filmes.



Claudette Colbert no ocaso do «estrelato», fêz-se produtora



A NOSSA CAPA: O REI DO "FLIRT":

TYRONE POWER

De ALICE GONZAGA

Muito já se escreveu sôbre Tyrone Power. Êle é muito popular. Houve um tempo, embora não acreditem, em que era difícil falar a respeito de Ty. Sabem porque? Só porque se mantinha solteiro e daí considerarem-no uma esfinge. Ora êle sempre foi um grande namorador, o rei do "flirt". Sempre teve um pequeno caso com suas companheiras de filmagem.

Assim quando fêz o "No Velho Chicago", andou trocando beijos fora de cena com Alice Faye. Na hora em que os mexeriqueiros o abordavam dizia: "Que era uma grande amiga, uma mulher admirável". (Pudera não!...)

Namorou Loretta Young quando ela trabalhou a seu lado em "Café Metrópole". E o seu "flirt" com Sonja Henie durante a filmagem de "Ela e o Príncipe"? Já se falava até em casamento... Comentários também foram feitos sôbre Norma Shearer, quando trabalharam juntos em "Maria Antonieta".

Todos viram-no muitas vêzes nos restaurantes e nas "premières" com Janet Gaynor. Êle era bem romântico, não acham? Pelo menos nesta época confessou que passava horas inteiras ouvindo músicas de Strauss!

Como andava muito cansado veio parar no Rio em 1938. Foi um dos artistas que mais fêz sucesso com a sua visita e um dos poucos que não decepcionou. Foi raptado pelo povo na sua chegada em Pôrto Alegre; quase foi amassado pela multidão de fãs.

Aqui inventaram que tinha nascido no Pôrto, (quando verdadeiramente nasceu em Cincinatti, 5 de maio de 1913), se chamava Júlio Alfredo Abreu de Oliveira, tinha um primo em Pernambuco. Histórias, as mais absurdas, se espalharam. Só foi considerado "bluff", todavia, quando se anunciou um filme seu com a Cinédia. Não era possivel! No entanto Ty havia visitado os estúdios de São Januário, apreciado muito os "stills" de "Alma e corpo de uma raça" e elogiado bastante a fotogenia da "estrêla". Cassio Horta, um grande agente de artistas americanos, em nome do estúdio, falou sèriamente a Tyrone sôbre o fato e disse até que a história poderia ser de um americano que chegava ao Rio, sem falar português e se apaixonava por uma brasileira. O galã não disse não, ao assunto, levou-o em consideração. O que houve foi publicidade do caso adiantada e o secretário meio aborrecido começou a negar, em vista da repercussão. Como não estava em moda gostar do cinema brasileiro, surgiram os outros "contras".

Ao lado de Linda Christian. Tyrone (Ty) Power esboça um sorriso de felicidade.





Tyrone Power e Gene Tierney numa cena do filme «O Fio da Navalha».

Neste meio tempo, Anabella chegou ao Rio e êle desmentiu qualquer namôro. Não se sabe se foi o luar de Paquetá... mas acabaram se casando. Ela era um pouco mais velha e tinha uma filha que estava internada num colégio em França. Volvendo para Hollywood, Ty, pouco depois, foi convocado. Quando regressou da guerra fugiu para Buenos Aires e Anabella compreendeu que tinha chegado ao término. E tudo foi resolvido num telefonema internacional. Ty falara sem constrangimento. E já não pensava mais em se casar quando apareceu Linda Christian. Muito católica, fêz esta questão que a cerimônia fôsse em Roma, sob a cúpula da basílica de São Pedro. Sua espôsa tem alguma influência italiana, pois a casa dela é cheia de mármores e ainda vivem a posar para outras tantas estátuas e quadros. São felizes e têm um bebê. O rei do "flirt" gosta de jogar tênis e bilhar, assim como de andar a cavalo. Aprecia ovos "brouillés", frutas e uma boa salada de abacates.

Falei tanto do galã e não disse que é filho de um grande ator do mesmo nome e que seu avô já era ator, e tinha o seu nome também. Quando deixou o colégio, pouco depois de se graduar, foi para Chicago com seu pai. Êste último, chamado a Hollywood para fazer uma nova versão de "O Homem Miraculoso", morreu em 30-12 de 1931. O coração muito cansado não permitia tal esfôrço. Ty, no teatro, quase também morreu quando, representando Shakespeare, a espada de Brutus passou raspando a sua cabeça.

Trabalhando num teatro em Nova York (e em grandes dificuldades financeiras), apareceu um emissário da Fox e o convidou para o cinema. O primeiro filme "Cadete de Honra", contudo, foi na Universal para onde foi levado por seu amigo Tom Brown.

Desempenhou papéis em várias películas, tais como: "Suez", "Isto acima de tudo", "E as chuvas chegaram", "Sangue e areia", "O cisne negro", "Fio de navalha", "O favorito dos Borgias", "O capitão de Castela", "Rosa negra", "Lóide de Londres", "Toque mágico", "Mergulho no inferno". A sua grande parte foi em "Mulheres enamoradas".

E assim é o "galã" que, quando aqui estêve, declarou que as moças chilenas tinham uma bôca bonita, que prendiam pelo sorriso. Que as argentinas prendiam pelos grandes olhos expressivos. As brasileiras não tinham a beleza particularizada por êste ou aquêle detalhe, mas sim pelo seu todo, pela sua estampa, seu "charme", pela graça e elegância da figura.

SEGREDOS DA TELA
OS "DOUBLES" E OS PERIGOS

Por «LONG SHOT»



Muitas vêzes amamos os atores como Desdêmona a Otelo: pelos perigos por que passaram. A verdade é que poucos cuidados devemos ter quanto a isso. O «mocinho», nunca é o verdadeiro exposto aos riscos que muitas vêzes parecem sofrer. É bem verdade que caem de cavalos, rolam de precipícios, lutam sob as águas com ferozes tubarões, etc., mas, a não ser em casos excepcionais de um ator extremamente hábil, via de regra, são substituidos por «doubles». Para que não se note a substituição, os «doubles» são caracterizados como os atores nas cenas em que aparecem; isto feito apenas no momento preciso. Deve-se cuidar que o «sósia» não apareça nunca em primeiro plano ou, caso apareça, a fotografia não deve ser normalmente nítida.





Os incêndios são feitos com elementos de combustão rápida e bastante leves. As rodas da charrete assim como tôda ela são feitas de [illegible] leves de modo a não [illegible] perigo.

Alguns dêsses heróis obscuros do cinema, tornaram-se famosos por suas façanhas. Entre êles, Yakima Cannut, assegurado em 1938 por 38.000 dólares (quantia nenhuma paga uma vida!), especialista em quedas de trem em grande velocidade, Cliff Lyons, Buddy Mason, Teddy Michaux, especialista em domar animais selvagens e muitos outros, fazem dos «galãs», heróis.

Além disso contam normalmente os estúdios, com o concurso de bombeiros a fim de atuar em cenas de incêndio. Tal precaução faz-se necessária pois em tais cenas, pode haver realmente acidentes, às vêzes, a propagação imprevista das chamas que se tornaria necessário conter. Durante as filmagens de «Kermesse Vermelha», apesar de tôdas as precauções tomadas, não se evitaram oito feridos, vários casos de intoxicação por fumaça e, naturalmente, prejuízos materiais de alguma monta. Honra pois a êstes desconhecidos; êles também são heróis das fitas que aplaudimos.

O acidente de avião foi realizado por acróbatas especializados. (De «Le Truquage au Cinema).



Um par de atores britânicos. Ela, artìsticamente muito superior a êle.

Jean Simmons está-se tornando um ídolo. É linda, de encanto interior também.

JEAN SIMMONS E STEWART GRANGER

de H. ANDERSEN, exclusivo para "A CENA"



Hoje poucos freqüentadores de cinema desconhecem a bela e talentosa inglêsinha Jean Simmons, que deixou a cinematografia inglêsa para trabalhar em Hollywood.

Stewart Granger é outro conhecidíssimo ator, também inglês, atualmente radicado nos Estados Unidos. Provàvelmente os fãs sabem que êstes dois atores são marido e mulher na vida particular.

Jean Simmons freqüentava aulas de "ballet". Tendo uma pessoa ligada à cinematografia inglêsa conhecido a jovem, vivamente impressionada contrátou-a para o cinema. Sua primeira película foi "The Way to the Stars". Acontece que Jean gostava de assistir a películas de Stewart Granger, que nesta época era um dos primeiros galãs inglêses, uma espécie de Errol Flynn britânico. Stewart fôra visitar sua colega Margaret Lockwood no "set" e Jean viu uma ótima oportunidade de "caçar" um autógrafo, mas acabou "caçando" também um marido!

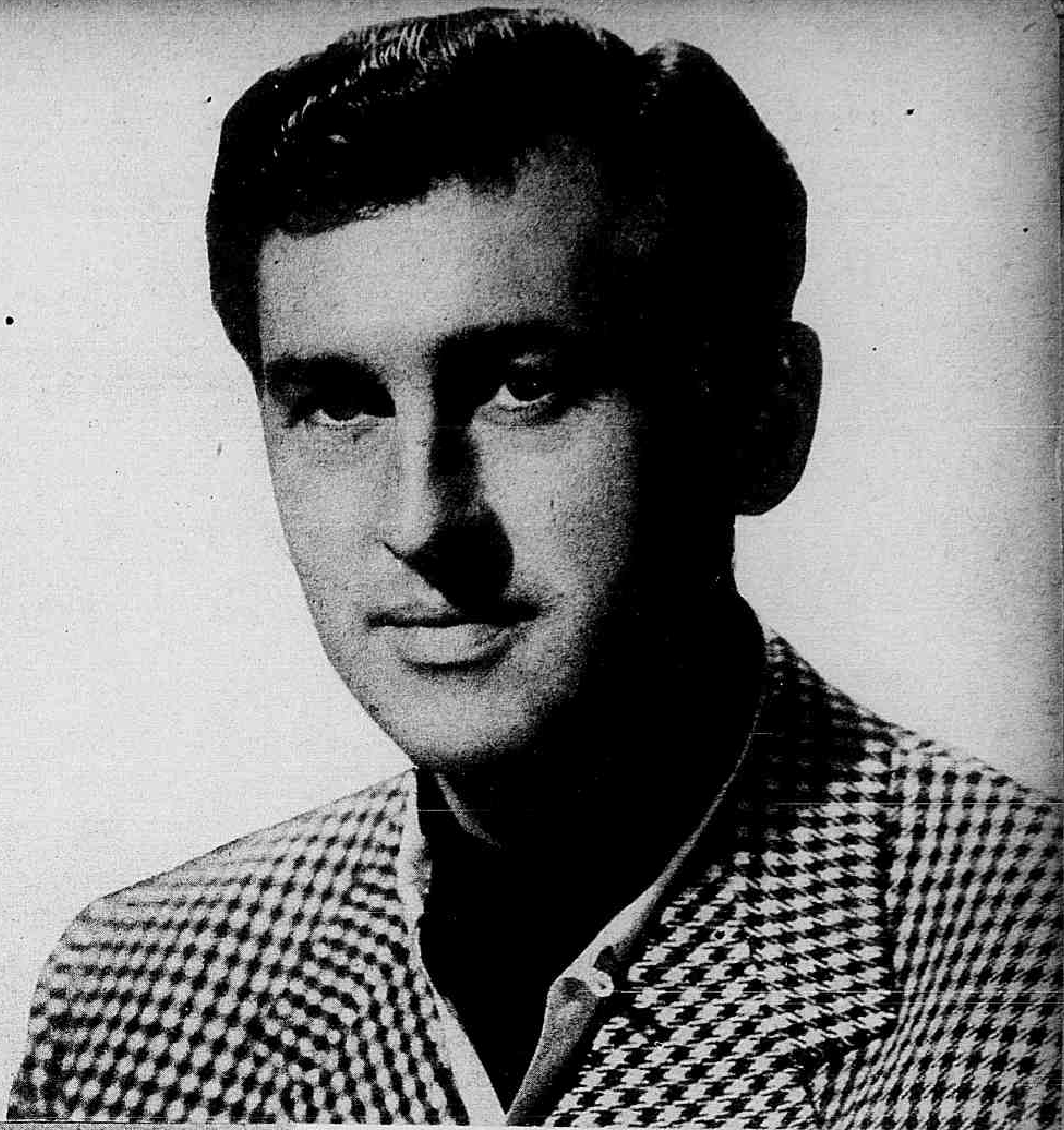
Stewart tinha então 35 anos e era casado com a atriz Espeth March. Sua espôsa concedeu-lhe o divórcio para que êle casasse com Jean Simmons, que era um "brôto" de 19 anos.

Jean apareceu em "Grandes Esperanças". fazendo a jovem Estela, e foi graças a esta película que conseguiu notoriedade. Em "Narciso Negro" fazia uma nativa, pequena exótica e misteriosa. Quando Sir Laurence Olivier preparava a filmagem de "Hamlet", lembrou-se da taientosa atriz e escolheu-a para um papel difícil como é o de Ofélia.

Ainda na Inglaterra teve oportunidade de atuar com Stewart Granger em "Adam e Evelyn" Evelyn era uma jovem temperamental e mimada que acaba sendo "domada" por um balzaqueano (Stewart Granger). Era uma película despretenciosa e para Jean um papel sem maiores dificuldades. Também em "A lagoa azul", a "estrêla" vive um romântico personagem, numa ilha deserta ao lado de seu amigo de infância.

Apareceu ainda em dois filmes inglêses "Angústia de uma Alma" (So lon at the Fair"), e "Coluded Yellow" todos dois de caráter policial, onde Jean Simmons tinha oportunidade de dar vazão ao seu talento e sensibilidade dramática.

Contratos vantajosos atraíram a "estrêla" para Hollywood, e juntamente com seu marido arrumou as malas e partiu, deixando saudades na velha Inglaterra.



Stewart Granger se tem mostrado apenas um bonitão mas, assim mesmo, é que tem muito público.



Compraram uma bonita casa em San Fernando Valley e puseram-se a trabalhar. Stewart tornou-se o galã da Metro e Jean ficou ligada à RKO por um contrato e posteriormente trabalhou para a 20th Fox onde féz "O Manto Sagrado", sendo assim uma das primeiras "estrêlas" a filmar no processo Cinemascope.

Na Metro tomou parte em dois filmes "A Rainha Virgem", recente sucesso daquela companhia e "The Actress". Seu galã em "A Rainha Virgem" foi como é do conhecimento do fã, Stewart Granger. Mas o casal confessa que sentiu-se constrangido de aparecer em cenas de amor, pois têm a impressão de que tais cenas parecem falsas.

Stewart Granger ficou conhecido do público brasileiro, quando estreou com êxito "Madona das Sete Luas". "César e Cleópatra", película baseada em peça de Bernard Shaw, deu a Stewart grande renome.

Indo para os Estados Unidos tornou-se um dos mais populares galãs do cinema americano. "Scaramouche", "Rainha Virgem", "Prisioneiro de Zenda" foram talvez as películas da Metro que tenham mais concorrido para a fama do galã, que apesar de madurão conserva o cartaz.

Apesar de tôdas as rusgas e dificuldades que tem o casal, segundo alguns jornalistas e colunistas mexeriqueiros de Hollywood, a bela Jean diz que seu marido é perfeito, e a única incompatibilidade que possuem é proveniente do fato de Stewart detestar sair de casa para "night-clubs", e Jean gostar de tal gênero de diversão.

Assim ao lado do sucesso que Jean e Stewart têm encontrado no cinema, (ainda que ela não obtenha sempre um papel à altura de seu talento), auguremos felicidades para êste simpático casal.

Jean Simmons em sua caracterização em um grande filme inglês: «Narciso Negro».



Glauce Rocha apesar de não ser uma «pin-up», é extremamente simpática e um ótimo «papo»

CINEMA BRASILEIRO

A TRAJETÓRIA DE UMA "ESTRÊLA" — GLAUCE ROCHA

Texto de SANIN Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

Exclusivo para "A CENA"

Glauce, cabelos negros, olhos negros, expressão marcada por uma angustiosa irregularidade de traços, um "que" de permanentemente triste, freqüentemente iluminada por um sorriso — sorriso ingênuo, de quem descobre a Vida. Copacabana tem uma atmosfera muito superficial para comportar certa gente. Naquele ar permanentemente colorido, barraquinhas na praia comprida e branca, o jeito despreocupado da gente que trafega nas calçadas de mosaicos, atentas a si próprias, acompanhadas, com mêdo da solidão, fomos encontrar Glauce, que não gostaríamos de chamar "estrêla" para dizê-la, tão só e simplesmente: atriz.

Já se passaram cêrca de quatro anos. Era um fevereiro do ano que se diria quarenta e tantos. Os estudantes aflitos dormiam sôbre os livros na esperança de traçarem em 15 dias, todo um futuro. Vésperas de exame vestibular para as Universidades, noites veladas à pervitins. Será que passo? Antes desta cogitação já havia, entretanto, o futuro sonhado em seus mínimos detalhes. Glauce como tantas outras jovens passou também por esta experiência dolorosa e deliciosa. A reprovação no exame para a Faculdade Nacional de Medicina não a decepcionou, ela amadurecida a convicção que não servia para o sacerdócio do corpo (às vêzes da alma). Queria ser atriz, sentia-se mesmo uma atriz. Uma atriz de teatro. Ela não confessou a si própria êste pecado tão cedo. Primeiro entrou para um Conservatório de Teatro justificando a necessidade de uma médica aprender idiomas estrangeiros. Depois foi se fa-

Glauce e Juquinha — o «homem» da casa





«O cinema mexicano comporta sempre o exagêro nas atitudes e nos fatos — condução ao dramalhão».



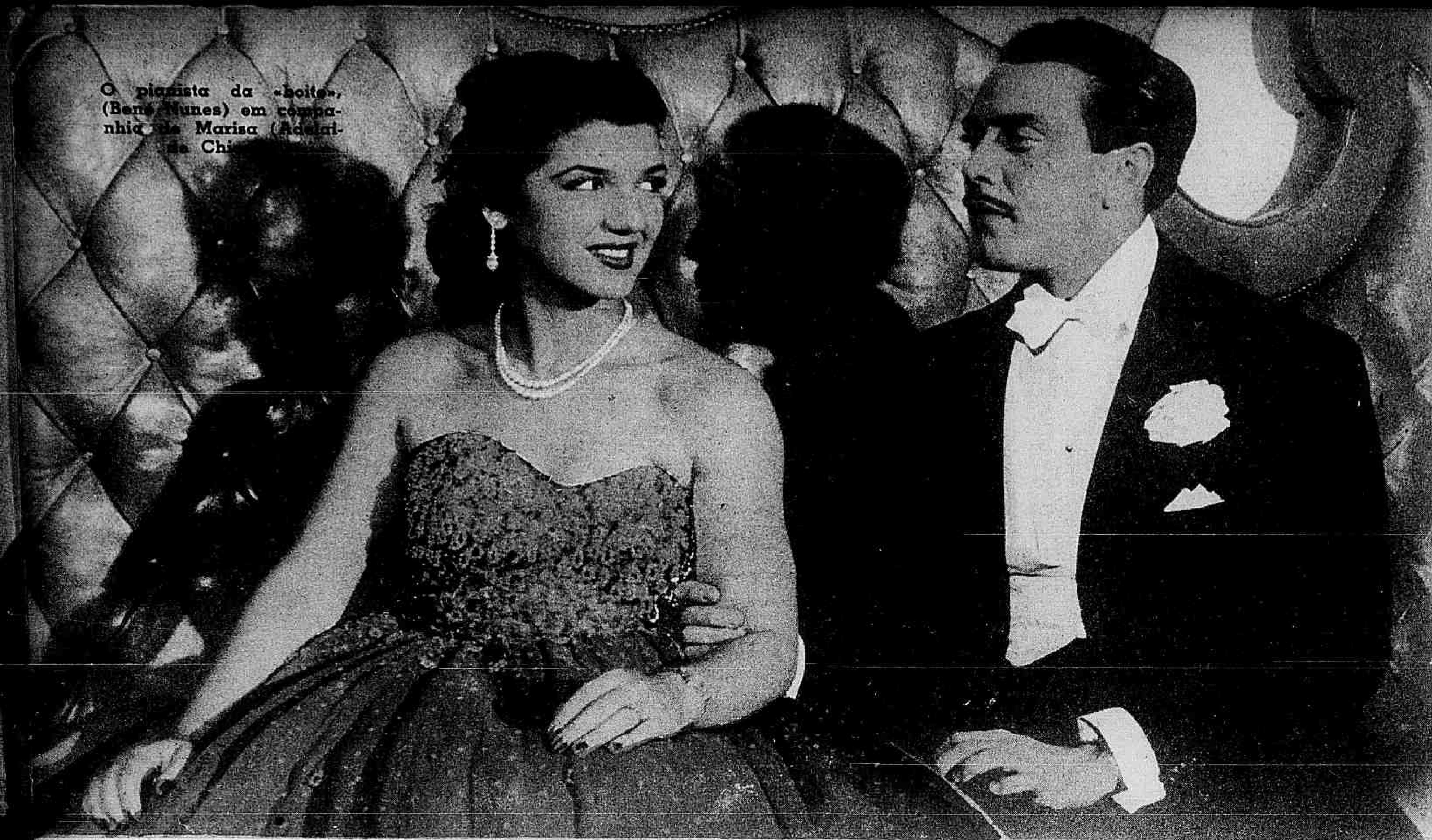
«O filme brasileiro sofre com a deficiência de histórias, existe todavia mais sobriedade».

miliarizando com o ambiente, até que, convidada pelo "Grupo dos Quixotes" estreou no palco em uma ponta, na peça "Abertura do Testamento" de Pericles Leal. Mas Glauce, sofria apesar disto. Ninguém descobria nela a "beleza", esta beleza prototipada de traços geomètricamente regulares, de narizinho arrebitado, de olhar acariciante. Ela sentia isto e por isto sofria o que não impediu que obtivesse êxitos sucessivos em "A Rainha do Espelho Mágico", encenada pelos "Fabulosos", grupo de Teatro Infantil e sôbre tudo em "João Sem Terra", peça de estréia do Teatro Duse cujo personagem principal é "uma mulher que sofre" (grifo dela). Sentiu-se perfeitamente integrada no papel. "Sofreu-o" como gente grande. Grande "performance". Veio depois, como é de hábito o profissionalismo com "Madame Sans Gêne" e "Dona Xêpa" e, finalmente, a primeira aparição cinematográfica em "Aventura no Rio", filme mexicano no qual atuava em uma ponta. Glauce, que prefere papéis dramáticos, de grande intensidade, que estuda e observa os personagens que terá que viver seja no teatro seja no cinema, que agradece à experiência teatral seu sucesso cinematográfico, que temia aparecer fotografada, foi a escolhida por Alex Viany para o filme "Rua Sem Sol". A correção com que se desempenhou levou um crítico a designá-la de "Bette Davis verde-amarela", o que é por ora, sem desmerecer inúmeras atrizes de real valor do nosso cinema, perfeitamente justo.

E, enquanto não vem o próximo filme ("Volta ao Mundo" de Vinicius Lima, "M'boi Tatá" de Alex Viany), Glauce aperfeiçoa seus conhecimentos da arte cênica estudando dança moderna (atuará provàvelmente no "show" do Copacabana-Palace). "Sofreu" a maior emoção como espectadora assistindo a temporada de Jean Louis Barrault enquanto a vida continua com perspectivas de Europa (principalmente Rússia) para onde pretende ir brevemente graças a um convite recentemente recebido. Enquanto não viaja, acumúla sadia experiência, estuda e lê muito, ama a pantomima e (seguramente) algo mais, admira Maria Clara e suas surpreendentes aulas no Conservatório Nacional do Teatro e, principalmente, faz-se querida. Glauce não é "pin-up" mas nem por isso deixa de ser bela.

Um instante expressivo da entrevista: Glauce Rocha revive um momento de «João Sem Terra», sua peça de estréia.





O pianista da «boite», (Bené Nunes) em companhia de Marisa (Adelaide Chi

NOVELA DAS IMAGENS

O PETRÓLEO É NOSSO

FICHA TÉCNICA

Produção e Direção	**WATSON MACEDO**
Roteiro e Diálogos	**CAJADO FILHO**
Fotografia	**GUILHERME STAMATO**
Assistente	**ROBERTO FARIAS**
Distribuição	**UNIDA FILMES S. A.**

ELENCO

Dona Perpétua	**VIOLETA FERRAZ**
Omelete	**CATALANO**
Marisa	**ADELAIDE CHIOZZO**
Madame Guimarães	**HELOÍSA HELENA**
Pituca	**PITUCA**
Sr. Guimarães	**SÉRGIO DE OLIVEIRA**

E mais: Linda Batista, Emilinha Borba, Virginia Lane, Gilda Valença, Orquestra de Ruy Rey, Ivon Cury, Bené Nunes, Consuelo Leandro, etc.

D. Perpétua (VIOLETA FERRAZ) é proprietária de uma grande área de terras, onde, segundo se diz, existem vários poços petrolíferos. Para apurar devidamente a existência de petróleo em suas terras, d. Perpétua vem à capital, em companhia de seu marido (PITUCA) e de sua filha Marisa (ADELAIDE CHIOZZO).

A família hospeda-se, pois, no Hotel Glória, onde a empregadinha «Chica Bagunça» (CONSUELO LEANDRO) logo simpatiza com o marido de d. Perpétua.

É aí que d. Perpétua vai procurar o



Dona Perpétua e família passaram noites agradáveis ouvindo cartazes do rádio carioca.

sr. Guimarães (SÉRGIO DE OLIVEIRA), presidente de uma pseudo-companhia, a PETRONECA, que tal como o título diz, de petróleo... neca!

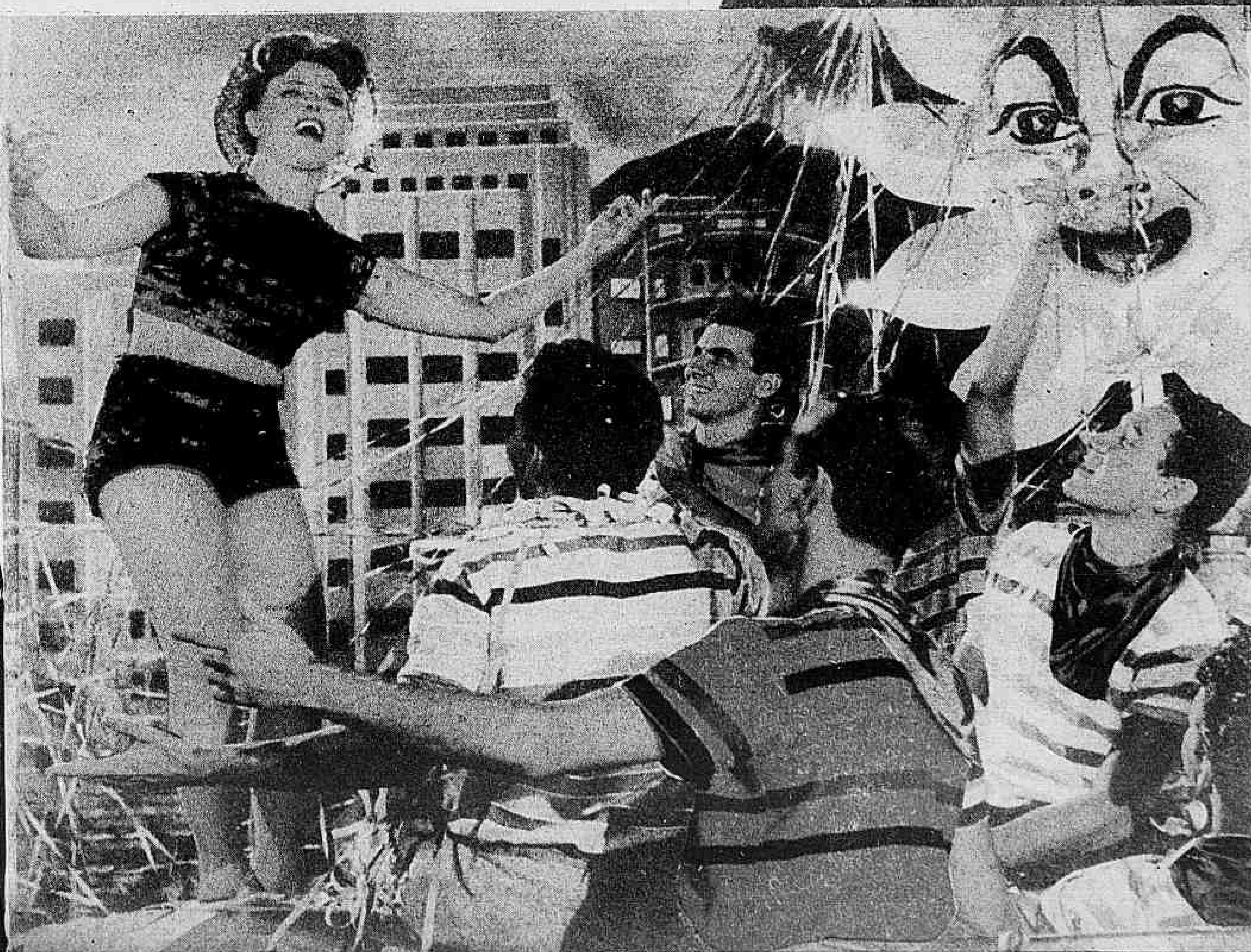
O sr. Guimarães promete mandar vir da França um geólogo, para analisar as terras de d. Perpétua, mas, ao invés dêle, vai buscar Omelete (CATALANO), um malandro casado com Nanci (NANCI VANDERLEI). E, após apresentar mme. Guimarães (HELOÍSA HELENA) e o filho do casal, Sílvio (JOHN HERBERT), o presidente da Petroneca, faz com que d. Perpétua e sua família freqüentem lugares caros e façam despesas excessivas, pois o plano é procurar com que d. Perpétua não tenha, depois, meios para pagar os gastos feitos. Nessa altura o sr. Guimarães indenizaria os credores, assenhorando-se das terras petrolíferas...

O «geólogo» Omelete, por sua vez, tinha uma missão a cumprir: após as «análises», declarar que os terrenos não tinham sequer sombra (nem cheiro) de petróleo...

Sílvio, embora noivo de Jane (MARY GONÇALVES) começa a se apaixonar por Marisa, e, sabedor do plano de seu pai quanto a apoderar-se dos terrenos de d. Perpétua, faz por sua conta uma investigação ao fim da qual é confirmada, por êle, a existência de bacias petrolíferas sob as terras de d. Perpétua. Dessa forma, tudo termina bem, ficando Sílvio com Marisa e apenas deixando o sr. Guimarães consternado....



Marisa, uma pequena bem dotada, também sabe cantar.



No «show» S. Paulo Quatrocentão, Virgínia Lane canta Zé Corneteiro.

Seja como fôr, o fato merecia uma celebração, e lá vão todos novamente para as buates que vinham freqüentando, onde tantos números de sucesso haviam presenciado, e onde agora é encenada uma alegoria ao IV Centenário de S. Paulo, com a montagem de um «show»: «São Paulo Quatrocentão».



Gabiele depois da apresentação de «Le Villi» sofre a primeira decepção conjugal.

"PUCCINI"

A ESTREAR NO FESTIVAL DA ART-FILMS

ELENCO:

Marta Torens — **GABRIELE FERZETTI**
Paolo Stoppa — **GIACOMO PUCCINI**

E ainda: Nadia Gray, Miriam Bru, as vozes de Beniamino Gigli, Antonietta Stella, Rossana Cartiere, Ginno Penno, Giulio Neri.

FICHA TÉCNICA:

Direção — **CARMINE GALLONE**
Fotografia («technicolor») — **CLAUDE RENOIR**
Cenarização — **LEO BENVENUTI, CARMINE GALLONE, GLAUCO PELLEGRINI**
Direção musical — **CARLO RUSTICHELLI**
Distribuição — **ART-FILMS**

Nascido em Lucca, onde fizera seus primeiros estudos de música, Giacomo Puccini sonha fervorosamente em ir para Milão, capital da música operística, a fim de concluir sua formação de compositor e lançar-se, a exemplo dos mais famosos contemporâneos, na trilha da fama.

Deixa, em Lucca, Elvira, seu primeiro romance de adolescente; a Elvira que lhe inspirara inúmeras canções, uma das quais lhe valera a bôlsa de estudos que lhe permitia empreender a viagem.

O editor Riccordi, durante sua estada em Milão, organiza um concurso para a edição de uma ópera. Confiante em sua capacidade, Giacomo inscreve-se com sua obra «Le Villi», porém esta é recusada. Grande, a primeira decepção. Um momento de amargura apenas atenuado pela compreensão e estímulo de Cristina, jovem e bela soprano que reconhece no jovem provinciano um talento raro. Através de Cristina, que conhecia a sociedade musical da época, tem oportunidade de, durante uma reunião social, executar algumas árias de sua ópera

rejeitada. O célebre Arrigo Boito a ouve e impressiona-se sobremodo. Pressentindo o gênio do jovem compositor, compromete-se levá-la à cena. No grande dia, fácil é avaliar-se o nervosismo e a excitação de Giacomo. Entretanto, o sucesso é surpreendente. Puccini, feliz, corre a Lucca, onde o espera Elvira. O amor entre os dois é permanente e cada vez mais intenso. A amargura e o desespêro, entretanto, os aguardavam com o primeiro fracasso: o da ópera «Edgard». Puccini, em vésperas de ser pai, interna Elvira na maternidade. Sobrevêm as dificuldades econômicas e a descrença em si próprio. Puccini escreve, então, «Manon Lescault» e a leva ao editor Riccordi, que desta vez resolve aceitar a obra do compositor. Uma surprêsa o aguardava, a intérprete seria Cristina, soprano que tanto o auxiliara no princípio de sua carreira. Cristina, agora soprano famosa, convertera-se numa fascinante mulher; Riccordi não sabia que Cristina e Giacomo se conheciam. O dia de estréia, já sem a mesma intensa espectativa da primeira apresentação, tem, entretanto, uma feição inédita: une, fortemente, autor e intérprete, muito embora Puccini continue a amar Elvira, que, só e triste, volta para casa. Puccini exulta; um novo impulso criador o anima e, acompanhado de Elvira, retira-se para uma casa de campo a fim de compor sua mais famosa obra: «La Bohème». Oculta pelas imposições



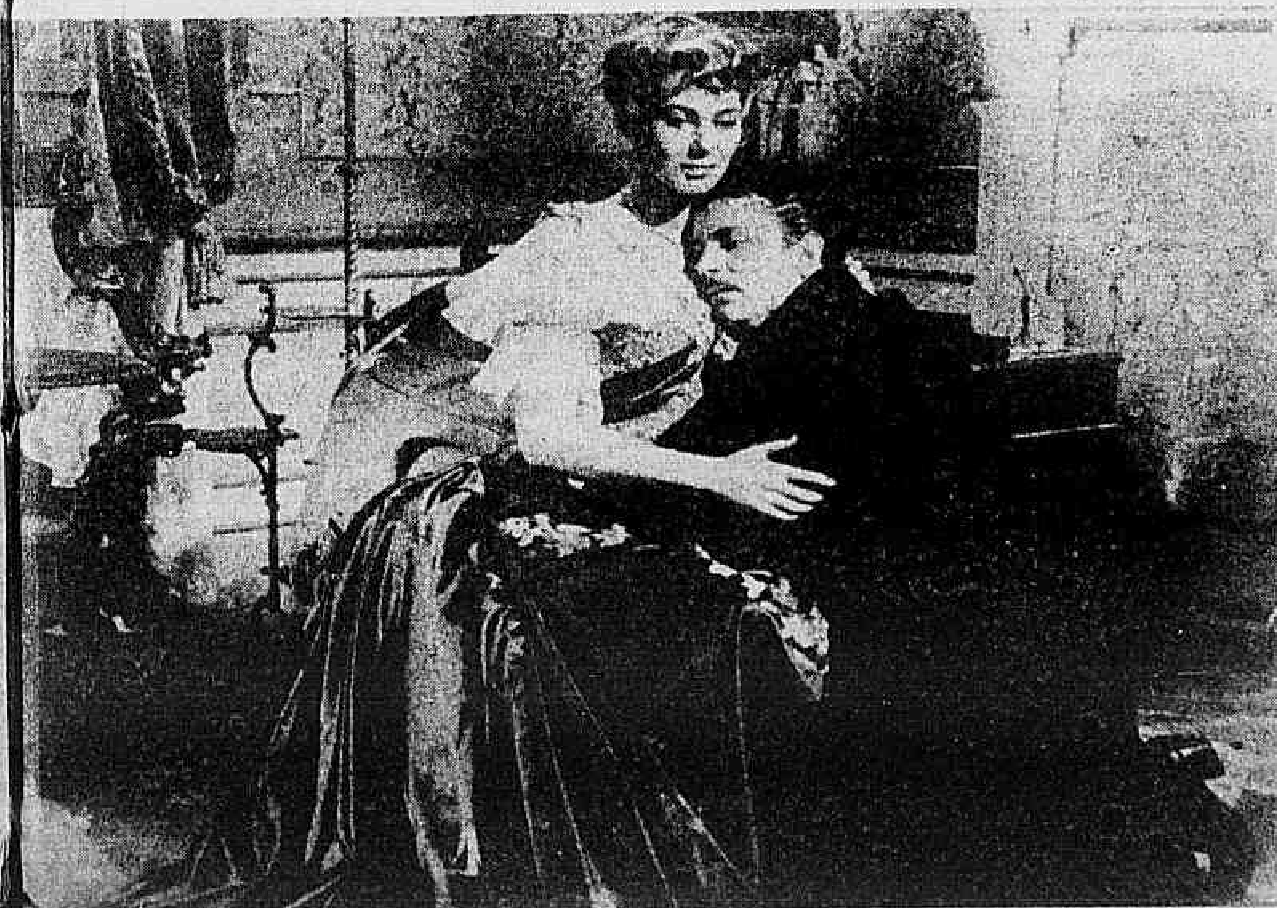
Puccini continuava a amar Gabriele; ela duvida.

que sempre existe numa ligação ilícita, acompanha-o Cristina. Tôdas as noites encontram-se secretamente em um refúgio.

Esta vida dupla, porém, não pode durar; Puccini deve escolher entre a companheira dedicada e fiel de tôdas as horas e agora mãe de seu filho e a apaixonada Cristina. Parece que pende por Elvira e, logo após ao brilhante «debut» de «La Bohème», quando Elvira prepara-se para regressar só a casa, como de costume, Puccini convida-a para acompanhá-lo às festas que vão ser realizadas em sua homenagem, deixando Cristina amargurada no teatro. Esta compreende, com êste gesto, que êle amará sòmente aquela que lhe inspirou a primeira melodia.

Depois de «Tosca», Puccini segue sua gloriosa carreira através de tôdas as capitais do mundo. Elvira, permanecendo sòzinha, não o espera. Ao regressar, Puccini encontra uma jovem aldeã encarregada dos afazeres domésticos. É Délia, que passa a amá-lo com fervor, mas, percebendo que sua devoção era inútil, suicida-se. O trágico episódio se eterniza em «Coro Mutto» e em «Butterfly» Enfim, Elvira volta aos braços do homem que amou mais que a si mesma. Puccini cai enfêrmo e, até o último momento, inclinado sôbre o piano, quer gravar as notas de sua ópera «Turandot», que, apesar disto, ficará inacabada.

A grande ternura pelo primeiro amor, sobrevive ao triunfo.



No leito do hospital, Gabriele, agora, mãe de uma criança.





NOVIDADES NO ELENCO

Muitas são as novidades que o "Grand Ballet du Marquis de Cuevas" apresentará entre nós. Elas estão relacionadas tanto no elenco quanto para o repertório. Entre as primeiras grandes figuras. Marjorie Tallchef, um legítimo expoente internacional que não pudera participar da anterior temporada, em nossa capital, em 1952, estará presente desta feita. Entre as solistas, novas figuras de valor serão vistas na temporada que se inaugurará na próxima semana, no Teatro Municipal. São elas: Denise Borgeois, Kathleen Gorhan e Joyce Van Der Veen. Embora se lamente a ausência de Dolores Starr, uma preciosa bailarina; Ana Ricarda, notável, em seu gênero ou de George Zoritch temos, em compensação os valores já tão merecidamente aplaudidos entre nós com o Rosella Hightower, George Skibine, Serge Golovine,. Wladimir Skouratoff, Jacqueline Moreau, Andrea Karlsen. Por outro lado e particularmente para o Brasil, a valiosa expressão que é Beatriz Consuelo. Ainda de muito recente ingresso no famoso conjunto internacional Beatriz tem de aguardar certas hierarquias que não se podem alterar de um momento para outro. De qualquer forma, será uma das atrações da temporada o reaparecimento da primeira bailarina do Teatro Municipal integrando o "Grand Ballet du Marquis de Cuevas". Certamente que o público compreenderá o seu espírito de dedicação à arte e o desejo de progresso que a levaram a abandonar as glórias conquistadas no seu país para posição temporàriamente modesta em um dos mais famosos conjuntos do mundo.

O REPERTÓRIO E OS INÉDITOS PARA O RIO

Diversos são os bailados que serão vistos, pela primeira vez no Brasil. Segundo revelou o sr. Dante Viggianni, empresário da tem-

Rosella Hightower, primeira bailarina, Serge Golovine, outro expoente da companhia e Beatriz Consuelo que, embora não figure nos primeiros postos, é uma atração para a temporada que se vai iniciar, na próxima semana.



VEM AÍ O "BALLET" DO MARQUÊS DE CUEVAS

JONALD, exclusivo para "A CENA"



«O Prisioneiro do Cáucaso», um dos famosos bailados do elenco.

porada, tôdas as criações estreadas há pouco em Paris serão vistas, ao lado de êxitos certos e antigos da mesma companhia.

Passando em revista as apreciações da crítica estrangeira vejamos algumas destas novidades. "La Tertulia" ou "Les deux rivales" é uma muito distinguida coreografia de Ana Ricarda. A idéia parte de um tema ibérico, a predileção, aliás, de Ana que, apesar de americana, descende de espanhóis. Trata-se de uma reminiscência do teatro de variedades da Espanha pondo em confronto a rivalidade entre a dança espanhola e a "ballerine" de outra origem. Uma moderna sugestão, no estilo tão apreciado de Ana Ricarda.

"L'Ange Gris" mereceu gerais encômios. A música é do genial Debussy ("Suite Bergamasque"). A coreografia do mestre Skibine e Petrouchka. A idéia dêste "ballet" é do próprio Marquis de Cuevas, o diretor geral do elenco. Inspirou-se em antigo e delicado tema.

"La Sylphide" é uma já famosa coreografia de Harold Lander, baseado em Auguste Bournau Zille, com música de Lozenskjold a qual também mereceu altas referências críticas.

"Piége de Lulière" será outra atração, a julgar pelas referências do "The Dancing Time". É um "ballet" em três quadros, de autoria de Phillippe Heriat, com música de Jean Michel Damase. Aliás foi o premiado no 2.º Festival Mundial de Filmes de Dança, realizado, no ano anterior, no Brasil. Aquêles delicadíssimos temas de "Metieur de danseur" ("Caminhos da dança"), com o grande Jean Babilée, mereciam mesmo uma consagração. Grandes sumidades, nos seus gêneros, colaboraram nesta criação: Cenários de Felix Labisse; Costumes de Andre Levasseur, executados por Karinska e Jean Robier; Máscaras por Molotoff. Coreografia e "mi2 en-scéne" por John Taras.

"Rondo Cappricioso" tem a fôrça do nome de Bronislava Nijinska como coreógrafo. Bronislava, que acumula as funções de diretor artístico e "maitre" não pôde vir ao Brasil. A música do seu bailado é de Saint Saens e, da mesma maneira que os citados, recebeu aplausos na Europa.

Novos para o repertório do elenco mais já consagrados, em outras versões estão diversos outros como "Le Spectre de La Rose", um grande quadro coreográfico de Jean Louis Voudoyer, segundo o poema de Thephille de Gautier, música de Weber e um arranjo de Bronislava Nijinska para a clássica coreografia de Michel Fokine. Serge Golovine tem aí uma das suas memoráveis atuações, segundo cita tôda à imprensa da Europa.

Além destas atrações, outros bailados consagrados inclusive no Rio, pelo mesmo elenco, ressurgiram para atenuar as saudades como "O prisioneiro do Cáucaso", inspirado no poema trágico de Alexandre Pouchkini, uma excepcional coreografia de Skibine, com música de Katchatourian; "La Sonambule", de Balanchine, outra preciosidade; "Tragédia a Verona", "Romeu e Julieta", música de Tchaikowsky, um dos pontos máximos da temporada de 1952, no Rio.

Não faltaram também os eternos românticos, clássicos ou neo-clássicos, como "Les Sylphides", "'Lago do cisne", "Bodas de Aurora", etc. Enfim, essas são as perspectivas para a temporada que se vai iniciar. São excelentes, sem dúvida. Mais adiante, após o término da mesma e antes da nossa partida para a Europa, que será, provàvelmente, no comêço de julho, teremos ainda tempo para analisar o conjunto da temporada o que correspondeu ou não à grande expectativa criada.

«Inês de Castro», um encantamento, ao lado de tantas outras novidades.



CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN, SANIN e I. PÔRTO ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO e A. NYFFENL

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.



LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIAS DA PRÓXIMA SEMANA

3 ½ — "DEVOÇÃO DE ASSASSINO"

Como a maioria das fitas inglêsas lançadas sem alarde, esta é uma película de evidente qualidade cinematográfica. Porém um desfecho abrupto prejudica o conjunto. Convém dizer, entretanto, que a solução reafirma o valor humano do conteúdo. O argumento tem mais de um aspecto louvável: o motivo da fuga do menino, qual seja o fato de ser maltratado pelos pais adotivos; o drama conjugal do assassino; a insatisfação da espôsa e o conseqüente adultério, motivo do crime. Assim, «Devoção de assassino» transcede a mera narrativa policial, de delito e perseguição. Dirige-a Charles Crichton, a quem coube a tarefa de dirigir Alec Guiness em «O mistério da tôrre». Auxilia-o um bom roteiro (a não ser pelo final), que possibilita uma fita de ritmo, montagem e fotografia que o cinema atual parece vir desprezando nessa era de Cinemascope e telas panorâmicas. A par da pequena falha de remate, que surpreende, é um filme de muito boa classe. No papel do menino está John Whiteley, em uma atuação espontânea e interessante. O criminoso é Dirk Bogarde, a espôsa Elizabeth Sellars. Produção inglêsa distribuída pela Universal. (The Stranger in between).

2 — "OS CORRUPTOS"

Entregue embora a elementos credenciados deixa de ser o filme que era de se esperar. É bem verdade que nada de inédito o argumento possui. Pertence ao tipo das películas policiais tendo por eixo os «gangsters» dominando uma cidade; policiais mancomunados com os mesmos; o detetive que procura destruir êsse império, no caso Glenn Ford, o protagonista. Não deixa de ser isso contudo um fenômeno real lá nos Estados Unidos, conforme as diversas películas do gênero nos informam. Coube a Fritz Lang a tarefa de levar à tela a odisséia. E, infelizmente, êle não conseguiu o desejado êxito e reabilitação. Não faltam cenas de violência, como quando o personagem «Vince» atira café fervente no rosto da namorada, deformando-o, e sobretudo um terrível resultado de meia dúzia de mortes. Assim os melhores elementos do espetáculo não são o diretor, nem o cenário cinematográfico de Sidney Boehm, nem a atuação de Glenn Ford, mas a interpretação de Gloria Grahame, no papel de Debbie. Secundam Ford e Gloria os atores Alexander Scourby, Lee Marvin, Jeannette Nolan, Dan Seymour e Jocelyn Brando, irmã de Marlon e que não parece ter herdado o talento do irmão, recentemente desperdiçado em «Júlio César». Produção de Robert Arthur para a Columbia. A estrear, em breve, no circuito do Pathé. («The Big Heat»).

4 — "OS AMÔRES DE APACHE"

Num mesmo estilo realista, quase documentarista pelo verismo do aspecto da gente e do local parisiense de princípio do século, a película é a reconstituição de uma época. Sob o aspecto formalístico e virtuosismo cinematográfico a realização de Becker é irretrucável. A câmara inteligente procura sempre os aspectos de maior interêsse e função no drama. A fotografia de Le Febvre é das melhores. A música acompanha a imagem e busca nas canções da época tôda a fôrça temática. Becker se revela um grande diretor de atores tirando de dois elementos limitados, atuações meritórias. Assis Signoret, no papel da prostituída Casque D'Or, alcança momentos de grande significação dramática, e Reggiani, seu amante, também corresponde ao papel que lhe foi conferido. Mas as grandes atuações são de Claude Dauphin, o «manda chuva» do «bas-fond», numa composição impressionante e o sempre eficiente Raymond Bussières, um amigo leal. Há magníficas passagens. Entretanto Becker não procurou levar nenhuma mensagem na sua presente obra, e nada há sob o aspecto construtivo. Apenas a fixação de uma época e de uma classe de Paris. «Casque D'Or», distribuída pela França Filmes, estreou no cinema Império.

1 ½ — "FRONTEIRAS DA CRUELDADE"

Realização de Irving Allen traz à tela tôda a «fauna» do Oeste, do Oeste convencional «made» em Hollywood. Assim há três bandidos, uma diligência, um velho mentiroso, um forte, um comandante, um baile à la «westerns», a mocinha que se redime, a professôra, uma menina, infalìvelmente os índios, uma dupla cômica, cavalos e cavalgadas, etc., etc... É uma paródia ao «western». Para caracterizá-la, há o cantor que em versos e com uma bela voz, conta ao espectador aquela história rocambolesca... mas o espectador não entende e se chateia com o cantarolar. Se a direção contasse com melhor cenário, e também com maior eficiência dando à película maior ironia, teríamos então uma obra aceitável e original. Principalmente na parte final o realizador não se define. Contando com um horrível cinecolor e uma tela panorâmica, e a falta de foco, as imagens não atraem. Os atores são inexpressivos com excessão de Virginia Field. As canções são belas e o cantor Terry Gilkyson possui bonita voz. «Slaughter Trail», da RKO Radio, reestreou no Plaza. No programa, «O mar que nos cerca» é um documentário extraído de um «best-seller», com imagens que carecem de continuidade cinematográfica, aspectos de maior interêsse e onde há superficialismo, com tiradas obscurantistas. O colorido é fraco, e no final há um profético dito sôbre as causas de um possível fim do mundo, muito longe da lógica e da verdade, e num tom alarmista. As duas presentes realizações não merecem maiores atenções.

1 — "CONQUISTA DE APACHE"

A conquista de Cochise, além da nesga de terra que futuramente perderá, se resume em algumas queimaduras, arranhões e escoriações generalizadas, sem contar o coração de uma branca «señorita». Mas êle, que não é índio de briga, prefere mandar a moça de volta para casa a se envolver com os senhores da censura de Hollywood, continuando entre seu povo, a curtir uma dor de viúvo inconsolável. A «piada» mais engraçada do filme é quando o major hesita em reconhecer no apache um americano, terminando afinal por admitir tal hipótese. Como obra cinematográfica, «Conquista de Apache» é das mais inexpressivas, narrada sem nenhum vigor e caindo freqüentemente em insuportável monotonia. O melhor de tudo são os atores brancos, sem nenhuma característica étnica dos indígenas americanos, de pele pintada e cabeleira postiça, recitando em estilo telegráfico seus diálogos que falam de «tantas luas», «face pálida», «faca escarlate», e tudo que convém dizer um índio de verdade. No elenco temos Robert Stack, muito engomadinho dentro de seu garboso uniforme, ao lado de John Hodiak, que reafirma aqui suas qualidades de indiscutível canastrão. Joy Page é a impassível heroína, mas nesse particular sai perdendo para o ator (se é que merece tal título) que desempenha o papel do apache Tuwaki de tal modo inexpressivo que pode muitas vêzes ser confundido com um boneco de cêra. A fotografia é desagradàvelmente colorida, e o acompanhamento musical repete sempre o mesmo tema num queixoso violino, o que não deixa de agravar a caceteação. «Conquest of Cochise», uma produção Columbia, estreou no Pathé e circuito.

1 — "ASAS DE FOGO"

Ontem os «Spitfire» e as «B-29»; hoje, os «Sabre jet». Ontem, os nazistas; hoje, os comunistas. A fórmula dos filmes guerreiros em nada mudou, não evoluiu, continuando exatamente a mesma. É a guerra de parada de 7 de setembro, com fardas lustrosas, condecorações brilhantes, e vibrantes marchas militares que acompanham o espetáculo pirotécnico do explodir das bombas, a fumaça dos «jacto», ou a trajetória luminosa das balas. Uma guerra onde só há lugar para heroísmo e temeridades, onde não existe fraquezas ou covardia, onde as lágrimas não ficam bem e os mortos não são esquecidos. E Louis King corre, dos maridos, às espôsas heroicas, das pistas onde decolam os aviões, aos lares. Nada de novo, portanto. As personagens são tôdas estereotipadas, e as situações de um artificialismo gritante. Em dois instantes apenas, King quase consegue ser humano: no trecho em que Manton evoca o amor que unia

o casal Goldman, e quando o general Hale, no instante em que vai decolar para a perigosa missão, percebe que esqueceu de trazer consigo o amuleto. No elenco, destacam-se os veteranos Leon Ames e Richard Arlen, além da simpática Julie Bishop, num ótimo desempenho. Coleen Gray e Robert Stack, totalmente inexpressivos. Os demais, corretos. Fotografia em colorido discreto, e música, sem destaque especial. «Sabre jet», uma produção Carl Krueger para a United Artists, estreou na linha do Vitória.

1 ½ — "MOSQUETEIROS DO MAR"

Musical desprovido de qualquer pretensão com números de dança e canto alinhavados em uma história sentimental. Mickey Rooney é o fio condutor da ação e Dick Haymes, canastrão como de hábito, e Ray McDonald fazem uma espécie de dois patetas mais espertos que o terceiro, Mickey Rooney, no caso, e exploram-no de tôda a sorte. Três marujos desembarcam. Sòmente um dêles economizou durante os dois anos de viagens e por isto terá necessàriamente de ser lesado por dois amigos que repetiam, sistemàticamente, a proesa em todos os portos. Na Califórnia, entre canções, «shows», praias e pequenas levam novamente a cabo a façanha que termina por arrependimento e solidariedade. Os números musicais estão inteiramente dentro do manequim: um diálogo que conclui por uma canção, a insinuação de uma dançarina que conclui por um bailado ligeiro, uma palavra que conclui por uma careta e por aí a fora. Números sem imaginação, muito embora sentindo-se um certo esfôrço do coreógrafo de criar espetáculos algo acima do medíocre que lhe tinha sido impôsto pelo roteiro. Por outro lado, se bem que a fotografia seja, se assim pudermos chamá-la pela vulgaridade, sem relêvo, há instantes como no primeiro número da buate em que uma acurada iluminação, apenas revela a presença de Charles Lawton. A direção de Richard Quine foi obra de rotina vulgar e inexpressiva quanto soem ser as coisas feitas sem entusiasmo e talento que a realização cinematográfica exige. «All Ashore» da Columbia é um filme sem maior significado, cansativo, por vêzes de mau gôsto, que não consegue refugiar-se nô talento do outrora menino prodígio Mickey Rooney. Foi lançado pela Columbia nos cinemas: Alvorada, São Pedro e circuito.

PRÉ-ESTRÉIAS DE "BÓLIDES"

1 ½ — "LABAREDAS DE FOGO"

(A ESTREAR NO S. JOSÉ)

Esta é mais uma produção rotineira da dupla William Pine-William Thomas. Êles poderiam apresentar bons filmes caso escolhessem boas histórias. Apenas isso aconteceu uma vez, e tivemos um filme interessante como «Legião dos desesperados». Êste não é o caso e como resultado temos um espetáculo convencional. Foi dirigido pelo decadente Edward Ludwig. Decorre a ação em uma região florestal do Estado de Nevada, entre derrubadas de árvores, toques humorísticos, um apagado romance, e desavenças entre irmãos. Há o despencar pela montanha abaixo, de um feixe de enormes toros de madeira, e nos quinze minutos finais um grande incêndio, que mobiliza todos os personagens e mais aviões, um helicóptero e os guardas do serviço florestal norte-americano (já focalizados em uma película com Widmark). O elenco é também convencional, com apenas um elemento de responsabilidade que é a atriz Agnes Moorehead. Fracos os outros: John Payne, William Demarest, Susan Morrow. Incêndios em florestas, serrarias, lutas de fortes são apresentadas em «technicolor».

2 ½ — "TRÁGICA EMBOSCADA"

(EM EXIBIÇÃO NOS BAIRROS)

Em «Trágica emboscada» encontramos qualidades dignas de lançamento melhor. Focaliza a luta entre índios e brancos vista sob o prisma compreensivo e humano, pertencendo a um «ciclo» iniciado com «Broken arrow» («O índio é um ser humano»). A história de L. L. Foreman é interessante. Conta o caso de um garôto branco criado pelo cacique de uma tribo que, mais tarde, viria a enfrentar os brancos. O dilema do rapaz tentando a paz entre os de sua origem e sua gente (como já considerava os índios) é bem narrada, cabendo a Charlton Heston («O maior espetáculo da Terra»), em boa «performance», o papel do guerreiro branco. A cenarização de Sidney Boehm, embora superficial, foge do lugar comum para apenas no final apresentar um «happy-end» quase forçado depois de uma espectativa violenta, entretanto o problema de Jim Aherne ou Warbonett está bem diluído nas imagens. Na produção de Mel Epstein, que data de 1952, figuram Susan Morrow e Joan Taylor e os bons coadjuvantes Richard Rober (o capitão), Ted de Corsia (o conselheiro da tribo) e Ian MacDonald (o cabo), todos bem dosados pelo diretor George Marshall que tem sido feliz em suas incursões pelo «western», haja visto o ótimo «Atire a primeira pedra». Lançamento da semana de 24 de maio.

2. — "DIVINA INTUIÇÃO"

Uma menina chega ao Reno (cidade dos divórcios) para mover um processo contra seus pais. Sua inocência e bondade converte um advogado mercenário e aquece o coração de uma jovem estenógrafa. Tudo narrado em cinema despretencioso envolvendo sua demagogia em frases sôltas e no símbolo que a menina encarna contra o divórcio. A mensagem da fita está contida numa frase: «quem ama de verdade, está sempre unido, nunca se divorcia». O «script», a cargo de Hans Jacoby e Shirley White disfarça o tom doutrinário com lances engraçados e algum sentimentalismo. A menina, verdadeira vedeta do filme, é interpretada por Gigi Perreau, que embora com uns 11 anos já é uma veterana. Vem também confirmar o limite para as «crianças prodígios». É quando compreendem o que são realmente tornando-se então apenas uma criança apática e forçada. O par romântico, a cargo de Mark Stevens e Peggy Down, fracos atores, não assume a importância merecida. Os melhores do elenco são os pais da menina, Leif Erickson e Francis Dee. Completa o «cast» o veterano Ray Collins. A direção de Kurt Neuman, embora fraca, louva-se seu empenho em disfarçar o tom demagógico, que torna o cinema uma vítima por vêzes e por outras libelos de real valor. Lançado na linha do Leblon e Ideal.

REGISTROS DE "BÓLIDES"

Os fãs de John Hall e June Vincent, desaparecidos de nossas telas, poderão encontrá-los no filme da Eagle-Lion, «Zamba». Dirigido por William Berke, com ação entre as selvas artificiais de Hollywood. Nos bairros da cidade.

Aproveitando a temporada dos ases negros, a Columbia lançou no Cine Pax: «Globetrotters, reis do basquete», com Thomas Gomez. Em imagens a história do clube famoso bem como muitos jogos e os lances que já nos emocionaram por 3 vêzes.

PRE-ESTRÉIA

FESTIVAL ART-FILMS

2,5 PUCCINI



Numa convencional e chorosa realização de Carmine Gallone, apresenta a película um Puccini igual a todos os outros compositores que tiveram suas vidas filmadas em versões livres e «poéticas». Trazendo a marca implacável do superficialismo e melodrama barato, Puccini, como deveria acontecer, sofre no filme todo um dilema entre o amor da espôsa e o da cantora de ópera, já que êle é compositor. Passa infalìvelmente pela miséria e consegue fama e fortuna, e também esquece da sua mulher, quando durante dez dias seguidos compõe uma ópera. Morre, infalìvelmente, escutando o seu «Turandot», conforme os clássicos filmes do gênero. Há seqüências inteiramente desgarradas do conjunto, que tornam o espetáculo com quedas e ascenções. O «technicolor» é por vêzes belo. Marta Toren inexpressiva está ao lado de Gabriele Ferzetti, um ator deficiente. Paolo Stopa é um grande ator, inteiramente deslocado na película. Há cuidados gerais e a música foi bem articulada. «Puccini» lançado em pré-estréia, no Festival da Art-Films.

Correndo os cinemas de bairro o filme «A garganta do diabo». Produção B da Paramount exibida fora de seu circuito, com ótimos atores como Edmond O'Brien, Dean Jagger, J. Carrol Naish, figurando também a veterana Zazu Pitts. A direção coube a Byron Haskin («Robin Hood, o justiceiro»), talvez em seu primeiro «western». Em «technicolor».

REPRISES DA SEMANA

No Alaska o musical «Meu coração canta», com Susan Hayward, encarnando célebre cantora vítima da fatalidade.

No Botafogo juntamente com «Asas de Fogo», uma antiga comédia de Merle Oberon, «Herdeira sem fortuna».

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

4 — «NOITES DE CIRCO» («Gycklarnas Afton») — Produção sueca, escrita e dirigida por Ingrid Bergman. (Apresentação da EuroBras, no Cine Jussara).

«OS CORRUPTOS» («The Big Heath») — Columbia, com Glenn Ford e Gloria Grahame. Direção de Fritz Lang. (No Art Palácio, em tela panorâmica).

3 — «OFERECE-SE BOA EMPREGADA» («Camariera bella presenza offresi») — Filme italiano. Com Elza Merlini, Aldo Fabrizzi, Vittorio de Sicca. (No Ipiranga).

«O MAR QUE NOS CERCA» («The Sea Around Us») — Documentário em longa metragem, prêmio da Academia em 52. «Technicolor». (No Ópera).

«NUNCA ME DEIXES IR» («Never let me go») — Metro, com Clark Gable e Gene Tierney. Direção de Delmer Daves. (No Metro e circuito).

«TORMENTO» — Filme italiano. Direção de Raffaello Matarazzo. Com Amedeo Nazzari e Yvonne Sanson. (No Marrocos).

OUTRAS APRESENTAÇÕES

«AGUIAS DA ARMADA» («Flat Top») — Com Richard Carlson e Sterling Hayden. Direção de Lesley Selander. Allied Artists. (No Ritz São João).

«A SANTA DO BAIRRO» — Produção mexicana. Com Esther Fernandez e Ramon Armengod. Direção de Chano Urueta. Art Films. (No Oásis).

2 — «A LOUCA» — Produção mexicana, com Libertad Lamarque. Direção de Miguel Zacarias. Pelmex. Já criticado em A CENA e exibido no Festival de Cinema. (No Cine Bandeirantes).

EM "REPRISE"

«O AMANHÃ É ETERNO» («Tomorrow is forever») — Com Claudette Colbert, Orson Welles e George Brent. Direção de Irving Pichel. Reapresentado pela Allied Artists. (No Marabá).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

3 — «O MANTO SAGRADO» — (8ª semana no República e em 2ª semana no Plaza) — Fox Filmes.

4 — «O HOMEM DO TERNO BRANCO» — (2ª semana, no Cine Normandie) — Universal.

2 ½ — «MINHA ESPADA MINHA LEI» — (2ª semana, no Broadway) — Warner.

1 ½ — «MULHRES SACRIFICADAS» — (2ª semana, no Cine Paratodos) — Pelmex.



Silvana Mangano, exemplo típico de beleza peninsular que o cinema italiano exibe com sua plena vitalidade sensual.

NEO-REALISMO

JOÃO VICENTE SALGUEIRO, exclusivo para **A CENA**

Tornou-se comum hoje em dia caracterizar-se o neo-realismo como o movimento artístico cinematográfico que não emprega atores profissionais em seus filmes; êsse é o seu fator principal e a condição mais importante de sua existência, segundo a opinião de muitos. Filmando-se o mundo como êle é, surpreendendo flagrantes da vida cotidiana, o realismo seria muito maior. A obra cinematográfica tornar-se-ia independente do emprêgo da arte dramática e o tema desenvolver-se-ia «exclusivamente» dentro do clima humano e realístico. Na dissociação entre o cinema e a interpretação profissional encontrava-se um campo riquíssimo para a realização de notáveis obras cinematográficas; e tudo com tomadas de cena naturais, verídicas, sem intromissão de qualquer outro elemento estranho.

Essas experiências atingiram tal extremo, que o cineasta italiano Césare Vavatini partiu para Nápoles munido apenas de seu material cinematográfico sem dispor, ao menos, de um roteiro prèviamente delineado; tentou, dessa maneira, reviver a realidade napolitana, tomando as cenas com câmaras disfarçadas e lentes tele-objetivas. Cria Zavatini que, assim procedendo, imprimiria à obra um profundo cunho realístico, sem prejuízo para a realização artística. Como seria de esperar, a experiência redundou em fracesso, servindo apenas para mostrar a outros cineastas o caminho a não seguir no futuro. E qual foi o êrro cometido por Césare Zavatini nessa frustrada experiência neo-realista? Apenas o seguinte: esqueceu-se o famoso realizador que as bases da Arte estão encravadas na convenção. Mesmo cenas de naturalidade flagrante são fortemente convencionais; se colocarmos num palco, um cavalo a comer capim, tal fato será indiscutivelmente naturalíssimo, mas nada artístico. O convencionalismo é, portanto, indispensável; e, a êle, fugiu Zavatini, limitando-se a uma retratação fria e insensível do ambiente. Falhou.

O que podemos concluir, na certeza de uma resposta mais certa, é o seguinte: não é apenas com o emprêgo de atores não profissionais que chegamos à obra neo-realista. Aliás, muito antes de se falar na interpretação a cargo de amadores e habitantes locais como uma das características preponderantes do neo-realismo, convém lembrar que êsse fenômeno já havia sido visto através do cinema russo, em um filme memorável, o «Encoraçado Potemkim», e que o austríaco Erich von Stroheim afirma ter êle começado há cêrca de 30 anos não sendo, portanto, movimento recente. Mas, observando as principais realizações neo-realistas, vemos que nelas tomaram parte grandes atores e todos profissionais: Ingrid Bergman («Stromboli»), Silvana Mangano («Arroz Amargo»), Amodeo Nazzari («O Bandido»), Mássimo Girotti («Em Nome da Lei»), Ana Magnani («Roma, Cidade Aberta») e etc. Além disso, não devemos nos esquecer que, mesmo em se tratando de atores amadores, êles são dirigidos por mãos de mestre, que lhes ensinam o rumo da interpretação correta. Assim, verificamos que a arte da interpretação sobrevive vigorosa no neo-realismo e que o emprêgo de atores não profissionais, apesar de ser uma de suas características, não é condição essencial de sua existência e, muito menos, a norma mais importante de sua arte. O que lhe confere o título de movimento artístico cinematográfico é, antes de tudo, sua salutar e transcendental mensagem humana, sem a qual sua subsistência seria duvidosa.

Rádio

EDEL NEY

HOMENAGEM A MANÈZINHO ARAÚJO

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RÁDIO patrocinará a «FESTA DO ADEUS» de Manèzinho Araújo, figura popular do rádio brasileiro, que vai abandonar as atividades artísticas depois de 21 anos de atuação ininterrupta. Para maior vulto dessa festividade, que encerrará a carreira artística do cantor que muito trabalhou em prol de nossa música popular, necessário se torna o máximo apoio do seu público na despedida que será realizada no dia 29 dêste mês, no Ginásio do Tijuca Tênis Clube, a partir das 20,00 horas. Será uma inesquecível consagração.

DISCOS NOVIDADES

A «estrêla» do Cinema e do Rádio, ADELAIDE CHIOZZO, tem pronto novo disco COPACABANA, gravado especialmente para os próximos festejos juninos. Na face principal, a valsa «Casório lá do arraiá», de Getúlio Macedo e Lourival Faissal. Na outra, o baião de Petrus Paulus e Ismael Augusto, «Vai comendo, Raimundo! . . .». Novos êxitos para a querida «estrêla».

——//——

Como não poderia deixar de ser, também o famoso JORGE VEIGA dedicou uma face de seu novo disco COPACABANA aos festejos juninos. O número gravado chama-se «Brincadeira tem hora», e é um baião muito gostoso da dupla Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira. Na face oposta, acompanhado pelo mesmo regional e côro, Jorge Veiga levou à cêra, «Chuviscou», um sugestivo côro de Francisco Anísio e Jaime Florence.

——//——

Para o próximo São João, ROBERTO SILVA gravou no seu novo disco COPACABANA, na face principal, o baião de Geraldo Medeiros e Jorge Gonçalves intitulado «Durante o baile». Na outra, porém, o número escolhido foi um samba: «Passei dos 32», e os seus autores são Jaime Silva e César Lima.

——//——

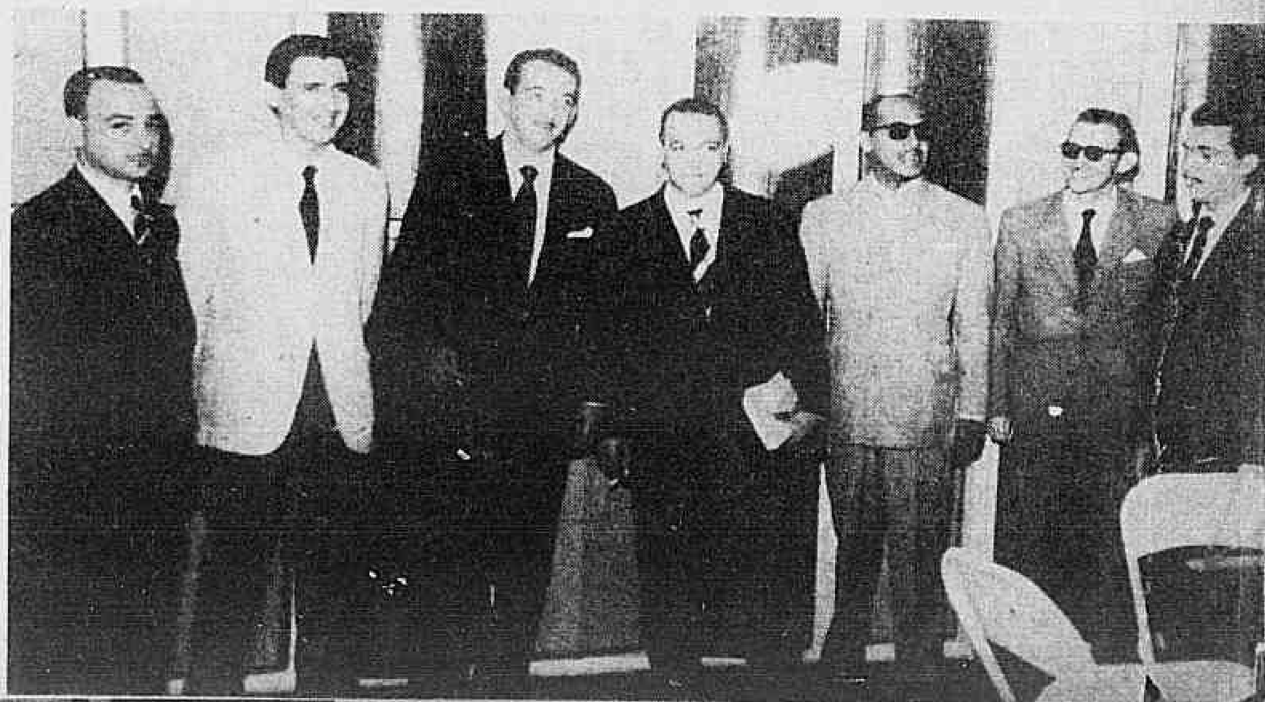
O mais recente disco do notável ORLANDO SILVEIRA, exclusivo da COPACABANA, recebeu o sugestivo título de «Seleções de Baião». Isto porque, em cada uma das faces foram gravados três conhecidos baiões da vitoriosa dupla Haroldo Lôbo - Milton de Oliveira. Na face A, lá estão: «Dia dos namorados» — «Bota água na cangica» — «O Delegado quer prender o Antônio».

DISCOS - NOVIDADES

VIRÁ NAT "KING" COLE AO BRASIL?

O mais famoso cantor do momento nos Estados Unidos, o fabuloso Nat "King" Cole, foi consultado através de cartas endereçadas aos seus agentes, da possibilidade de vir a se exibir ainda êste ano em nosso país. Em atenciosa carta que trouxe a resposta, Nat "King" Cole esclarece que sòmente poderá excursionar pelo Brasil em novembro do corrente ano. Seu prêço!!! 25 mil dólares semanais!!! para exibições em teatros, televisão e boates. Nat "King" Cole que viria acompanhado do seu Trio exibi-se atualmente no Palladium em Londres, percebendo os mesmos 25 mil dólares semanais. Tomando-se por base o dólar a Cr$ 50,00, prêço ao câmbio livre. Nat Cole teria que perceber a importância de Cr$ 1.250.000,00 semanais, ou sejam 5 milhões de cruzeiros por mês. Mesmo nesta base, diversos empresários brasileiros estudam as possibilidades de proporcionar aos milhares de fãs de Nat "King" Cole no Brasil, a oportunidade de virem a ouvir pessoalmente o fabuloso Nat "King" Cole.

Flagrante colhido quando da inauguração dos novos Estúdios Reunidos das gravadoras «Copacabana» e «Sinter», vendo-se, da esquerda para a direita, os cronistas: Claribalte Passos (Carioca), Sílvio Tullio Cardoso («O Globo) Mário de Camargo (Revista do Disco), Alberto Rêgo (Diário Carioca), Everaldo de Barros (O Popular) Edel Ney (A Cena Munda) e Fernando Lopes (Revista do Rádio)





Um momento expressivo da peça, valorizada pela direção de A. Celi.

UMA MULHER DO OUTRO MUNDO

(EM S. PAULO)

Noel Coward é um dos grandes teatrólogos da Grã Bretanha e do mundo. E' também ator e, assim, melhor sente as necessidades da inteligência nas marcações. As suas grandes peças como «In Which We Serve» (aproveitado pelo cinema e exibido no Brasil com o título de «Nosso barco, nossa alma»), de imenso conteúdo, juntam-se também as do gênero irreverência, como «Private Lifes», «Esta noite às 8,30» ou «Design for Living». Tôdas foram bem aproveitadas pelo cinema, particularmente a última, um dos mais deliciosos filmes de Lubitsch: «Sócios no amor» (vide «CENA» nº 16, página 9, no alto, na resenha de 1934 de «Os melhores filmes de todos os tempos»). Também a atual peça em cartaz no Teatro Brasileiro de Comédia, o melhor elenco do Brasil, em qualquer fase do seu teatro foi transposta ao cinema em 1945 («Blithe Spirit»), em uma notável comédia com Rex Harrison e Constance Cummings. Também o teatro brasileiro, na Companhia Dulcina já a havia aproveitado, com êxito. Entretanto, a atual versão, dirigida por Adolfo Celi supera a outra, apresentada no Rio, no Teatro Dulcina.

A peça não vive do menor conteúdo. E' apenas uma brincadeira de Noel Coward em tôrno da doutrina espírita. Uma pilhéria sem maldade, que não ofende porque, ao contrário, em meio do divertimento, mostra muitas coisas que, realmente, estão provadas como verdadeiras. Aliás, o próprio cinema efetuou uma obra prima, ironizando, mas através de expressões autênticas, em tôrno de realidades científicas, no filme «Que espere o céu». Por coincidência é também evocado na série de «Os melhores de todos os tempos», no número de hoje, página oito, referente a 1942.

Celi é um inteligente e hábil diretor. Seria perfeita a sua orientação se, precisamente nos instantes finais, não tivesse abusado de desnecessárias acentuações em tôrno dos quadros e objetos que se quebram. O exagêro correu por sua conta pois não está escrito assim no texto da peça de Coward. Fora isto, apenas calorosos aplausos para uma série de sugestões de quem realmente possui talento e gôsto artístico.

OSWALDO de OLIVEIRA

Na representação, dois vultos dominaram completamente o espetáculo: Paulo Autran e Tônia Carrero. O primeiro se impôs no seu gênero, definivitamente, como o primeiro elemento do teatro brasileiro na atualidade. Discrição e arte no difícil e preciso nível da escola britânica de representar. Ainda estou recordando a graça com que Tônia Carrero «esvoaça» em cena, como se procurasse sugerir a evolução no espaço. A sua oportunidade é leve mas aproveitada com a malícia e finura exigidas. Célia Biar tem uma atuação apenar regular. Marina Freire acentua a versatilidade que é exigida. Com o tipo que possui, mais graça obteria se restringisse certas expansões de gestos que tornam demasiadamente popular o papel. Assim, deixou de retirar o máximo partido mas ainda está em tempo de corrigir o senão e tornar o humorismo mais de acôrdo com a peça. Waldemar Wey e Dina Lisboa estão discretos no casal Bradman, estando o primeiro superior a sua companheira. Agradável o cenário de Mauro Francini, figurando acertadamente um ambiente de Kent, na gloriosa Grã-Bretanha. «Mis-en-scene», efeitos técnicos, etc., apreciáveis em conjunto.

DISTINÇÃO À IMPRENSA

O Teatro Brasileiro de Comédia distinguiu a imprensa bandeirante em um «cock-tail» em suas dependências e teve a gentileza de convidar «A CENA» que se fiêz representar por todos os seus elementos que participam de críticas e crônicas na capital bandeirante. Foi uma agradável festa de congraçamento.

TEMPORADA BARRAULT

Por falta de espaço fica adiada para o próximo número a terceira e última crônica da grande temporada efetuada no Rio, no Teatro Municipal.

Célia Biar, Tônia Carrero e Paulo Autran.



CINE-RESPOSTAS

TÔDA A CORRESPONDÊNCIA PARA ESTA SEÇÃO DEVERÁ SER ENDEREÇADA A RÓVLAND, CINE-RESPOSTAS, «A CENA MUDA», RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15, RIO DE JANEIRO, BRASIL.

AS COTAÇÕES DOS LEITORES DE "A CENA"

Avisamos aos distintos leitores que nos têm honrado com tantas e preciosas sugestões, manifestando no concurso «As cotações dos leitores» que o sorteio para a distribuição dos álbuns será processado pelo resultado da Loteria Federal que se realizará no sábado, 26 de junho. Em lugar de cinco, o número dos referidos álbuns foi aumentado para sete a fim de permitir também a inclusão dos leitores que primeiro enviaram as suas respostas para o 2º Concurso, o das «Reprises», em plena realização e cujo prazo de encerramento para a entrega dos coupons será às 12 horas de têrça-feira, 22 de junho. Os números dos leitores e demais instruções do sorteio serão publicados em as próximas «Cenas», que sairão nos dias 16 e 23 do corrente mês.

RAIMUNDO ANUNCIAÇÃO COSTA (Bahia) — "A CENA" agradece a sua valiosa colaboração. Vai ser publicado o seu bom trabalho: "Um grito sôbre o pântano". Números para o sorteio dos álbuns: 234, 235 e 236.

JOSE' A. ESCHBERGER (S. Leopoldo, R. G. do Sul) — O seu primeiro trabalho já saiu e o outro também será aproveitado. Ambos muito bons. Grato pelas referências. Números para o sorteio dos álbuns: 237, 238 e 239.

MAURÍCIO RITTNER (S. José do Rio Prêto) — Agradecemos a sua lembrança. Além de ótima propaganda para "A CENA" a publicação dos clichês no "Diário da Região" seria um prazer colaborar com o distinto e eficiente colega. Acontece, entretanto, que esta revista é impressa em máquinas de "Off Set" isto é, os negativos das fotos passam diretamente ao celofane a fim de serem montados e, em seguida transpostos para os cilindros de metal a fim de serem impressos. Com êste sistema, não há "clicherie". Não recebi os jornais e teriamos gôsto em registrar a sua coluna, com as devidas honras. Aliás, é pensamento a organização de um fichário de tôda a imprensa especializada do Brasil. No mais, estamos ao seu inteiro dispor. Desculpe o atraso da resposta, motivado pelo excesso de correspondência.

CLUBE 220 (São Paulo) — "A CENA" agradece o ofício e se fêz representar na homenagem que lhe foi prestada com o máximo reconhecimento pela distinção. O nosso representante trouxe as melhores impressões do tratamento recebido.

CELMO DA SILVA SOARES (Rio) — a) Com a ampliação que vem de sofrer "Cine Respostas", estamos aptos para responder às perguntas dos leitores, exclusivamente sôbre cinema, conforme o próprio título da mesma sugere. Entretanto, apenas de questões técnico-artísticas. Embora respondendo a tôdas as cartas, com a máxima atenção, não pretendemos devassar aspectos íntimos da vida particular dos intérpretes. Muitos respondem dando "asas" à imaginação (sôbre divórcios, brigas, etc.) mas esta não é a orientação de "A CENA"; b) O seu pedido, conforme o de tantos outros, vai ser atendido. Carol Reed, o grande cineasta inglês inaugurará a Filmografia dos diretores em "A CENA" 25 ou 26); c) A ampliação do cinema brasileiro sempre fêz parte dos nossos planos. Depende, apenas, que as atividades ressurjam. Os seus votos vão ser apurados. Agradecemos a sua minuciosa carta e as sugestões. Números para o sorteio dos álbuns: 240, 241 e 242.

DAVID MATÉ (Rio) — Claro que não ficamos surpreendidos pelas suas escolhas para "Os filmes que desejaria rever". Há critério e é uma opinião. Note-se que, pessoalmente, admiramos quase todos os seus preferidos, belos filmes. Grato por tudo. Números para o sorteio dos álbuns: 243, 244 e 245.

M. CALIXTE (Vitória) — O Jonald agradece muito e vai responder pessoalmente. Números para o sorteio dos álbuns: 246, 247 e 248.

JOSE' FRANCISCO RIBEIRO (Bahia) — Já foi entregue o seu pedido à gerência. Agradecemos os elogios e o mesmo pelos responsáveis das seções citadas. Números para o sorteio dos álbuns: 249, 250 e 251.

IVAN RIBEIRO DE SOUZA (Rio) — O curso de cinema tem sido pedido. E' bem possível que venha a substituir "Os Segrêdos da Tela", afinal, um curso primário, dando noções sôbre importantes aspectos de filmagens. A sua longa carta, os minuciosos comentários e elogios a diversas das seções de "A CENA" foi muito apreciada e os diversos colaboradores enviam seu reconhecimento. Estamos aguardando o seu prometido voto para o Concurso. Por que interrompeu a brilhante série de crônicas para a "Página do Leitor"? Leia o que sairá no próximo número a respeito de Ismar Pôrto. E' outro que está no mesmo caminho. Números para o sorteio dos álbuns: 252, 253 e 254.

HERBERT S. MAIA (Rio) — A sua carta foi outra dessas gratas emoções para um corpo redatorial que muito se esforça para servir aos leitores. A retrospectiva do cinema silencioso faz parte dos projetos de Jonald. Todos agradecem as referências. Números para o sorteio dos álbuns: 255, 256 e 257.

ÁLVARO ROBERTO (Taubaté) — A seção de novidades ("De todo o mundo") vai ser ampliada. No mais, apenas a gratidão de todos os que têm procurado satisfazer ao público leitor. Números para o sorteio dos álbuns: 258, 259 e 260.

MÁRIO DOMINGUES (Recife) — a) A criação da galeria dos diretores já foi resolvida. Deverá sair em "A CENA" 25 ou 26, inaugurada com Carol Reed. Não que seja melhor do que diversos outros, também excelentes ou excepcionais, mas apenas por simultânea escolha dos dois redatores que a assinarão; b) A ficha técnica dos filmes deverá surgir com o segundo semestre; c) A sugestão de estudos sôbre a crítica é muito boa mas o espaço atual da revista é que não permitiria. Como está sendo estudada uma ampliação do número de páginas esta sua excelente sugestão, bem como tantas outras, igualmente apreciáveis, serão objetos de análises; d) O estudo das diversas cinematografias, isoladamente de cada país, já tem sido feito em "A CENA". De dezembro de 1953 aos primeiros meses de 1954 foram analisados: "O cinema inglês do após guerra" (em dois números seguidos); idem, do cinema francês, em um número e o mesmo do italiano, inclusive no presente número. Do alemão, virá mais adiante. A lembrança do estudo comparativo é magnífica; e) De fato, a independência dos críticos de "A CENA" é absoluta. Todos agradecem as suas detidas análises, um grande estímulo. Números para o sorteio dos álbuns: 261, 262 e 263.

LEO RESENDE (Rosário do Sul, Rio Grande) — A seção dos diretores vai ser inaugurada, em "A CENA" 25 ou 26. Leia, por obséquio, as respostas para Mário Domingues que, por coincidência abordou esta e diversas outras sugestões da sua carta, razão porque os respondemos uma em seguida à outra. As fotos em páginas inteiras — em policromia, e iguais às das capas — deverão vir em julho, com a ampliação de "A CENA" (cêrca de 52 páginas) e também com a possibilidade de passar a quinzenal. Conforme deve estar seguindo em "Os melhores filmes de todos os tempos" ali as fotos saem padronizadas. Justifica-se porque é um retrospecto. Em outras seções não seria justo assim proceder porque viria a incidir em rotina. A questão dos letreiros está sendo estudada. A falta de espaço tem forçado a que venham as indicações das "contra-capas" com anúncios de matérias dos próximos números. A retirada dos mesmos sòmente seria possível com o aumento de "A CENA". No mais, a gratidão dos que escrevem é a mesma. Números para o sorteio dos álbuns: 264, 265 e 266.

FERNANDO COLLETI (Curitiba) — Entregamos a sua gentil carta ao nosso colaborador Fornari que muito agradece a atenção despertada com o trabalho sôbre a "3-D na Rússia", "Isto é Cinerama", etc. Êle já escutara referências esparsas — e muito boas — sôbre o invento do ilustre professor Moro. Por falta do competente endereço é que deixou de ser feita a referência. Caso tenha intimidade com o mesmo, poderia solicitar a gentileza de enviar os esclarecimentos para uma reportagem os quais deverão ser endereçados ao sr. Marques, Avenida Franklin Roosevelt 115, 12º andar, apartamento 1.203, Rio de Janeiro. "A CENA" agradece. Números para o caso dos álbuns: 267, 268 e 269. Gratíssimo.

CARLOS MOLITERNO (Maceió, Alagoas) — O seu pedido de números atrasados foi entregue à gerência. Obséquio de acusar o recebimento. No mais disponha e gratos. Números para o sorteio dos álbuns: 270, 271 e 272.

(Cont. na pág. 34)

A HIGIENE ÍNTIMA
TAMBÉM CONTRIBUI
PARA A SUA
Beleza!
Metrolina
ANTISSEPTICO GINECOLÓGICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

PÁGINA DO Leitor

A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta págin.. — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel, ofício, em espaço dois — Nó final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem. Tôda a correspondência deverá ser endereçada a "Long-Shot", "Página do Leitor"

"OS BONITÕES DO CINEMA"

Foi lendo um excelente artigo na "A CENA", intitulado "As 15 mais belas do cinema internacional", que pensei nos rapazes bonitos do cinema, que, com ou sem talento, fizeram sucesso devido principalmente a um físico privilegiado. Convém dizer porém, que os que vou citar são apenas por questão de opinião pessoal. Por exemplo: quem quiser que diga que o Peter Lawford é uma gracinha, ou que Fernando Lamas é uma coisa louca. Para mim ambos são bem fraquinhos, e como atores piores ainda!

Na América do Norte o galã preferido das garôtas é Farley Granger; aliás quando se fala em artista bonito, os nomes de Tyrone Powell e Errol Flynn ocorrem espontâneamente, mas devido ao fator tempo, nenhum dêles pode figurar nessa lista; continuam com prestígio, Errol que andou pintando miséria no Festival de São Paulo, provando que a vida começa aos 40. Ty e Eroll ainda são uns bonitões — mas, balzaqueanos. — Como dizia, Farley Granger, é considerado na América o "Bonitão número um"; além de possuir um apreciável talento como ficou provado em "Alma em Revolta". Contudo suas fãs preferem que êle interprete papéis semelhantes ao que interpretou em "Vida da minha Vida", aquêle delicioso filme que contou com a participação de Ann Blyth e Joan Evans; embora não considere Farley o número um, concordo que entre na lista dos bonitões.

Montgomery Clift é outra coqueluche, quer em papéis de "cow-boy" ("Rio Vermelho") quer em papéis de grande intensidade dramática ("Um lugar ao sol" e "A tortura do Silêncio"). Como Farley, êle tem talento mas seu físico bem que o ajuda. Tony Curtis é outro bonitão que não pode faltar numa lista desta. Uma vez na vida êle resolve mostrar que também tem talento, e então trabalha de verdade como fêz naquele "Tormento da Carne", onde viveu um surdo-mudo. Geralmente porém, só faz filmes de bilheteria como "Príncipe Ladrão", ao lado de Piper Laurie com quem é brigado, por tê-la deixado para casar com Janet Leigh. Igual a Tony é John Dereck. Também já ofereceu um bom desempenho em "O crime não compensa", mas, atualmente, só trabalha em medíocres filmes de aventuras. Gregory Peck é outro "astro" bonitão que tem talento, sua popularidade é imensa através de filmes bons como "Chaves do Reino", "Neves de Kilimanjaro", "O vale da decisão" e o discutidíssimo "Duelo ao Sol". Mas também já fêz um filme de pura bilheteria, aquele "Falcão dos Mares", onde teve um papel inteiramente falso; Greg vem aí em "A princesa e o plebeu", ao lado da premiada Audrey Hepburn. O inglês Richard Todd, é outro caso idêntico ao de Tony Curtis; veio para Hollywood, e apareceu tão bem naquela boa película policial, "Ciúme que mata", ao lado de Ruth Roman. Chamou logo a atenção, pois além de talentoso, tinha um tipo simpático, olhos expressivos que fotografam bem, são boas armas porque no cinema os olhos, muitas vêzes, têm que demonstrar o que o "astro" sente no seu íntimo. Joan Crawford aliás, é uma mestra nisso. Lembram-se de "Precipícios Dalma?" Como ia dizendo, Richard também desandou, agora só aparece como Robin Hood, e outros personagens dêsse tipo. Richard Burton, também inglês, felizmente não se deixou impressionar pelo seu tipo másculo. Depois de "Eu te matarei querida", vem aí em "Manto Sagrado", e bem. Ralph Meeker é outro bonitão de talento, na minha opinião. Gostei muito de Ralph quando êste apareceu em "Vida contra vida", ao lado de Barbara Stanwyck, no papel de um cínico criminoso. Agora, êle vem aí num musical com Betty Hutton, intitulado "Somebody loves me". Rock Hudson, muito alto e forte, "astro" da nova geração, faz parelha com aquêle moreno de olhos azuis, Jeffrey Hunter que, aliás, estêve no Festival de São Paulo. Ambos novíssimos na tela, têm o tipo que as meninas de ginásio apreciam. Nesse caso ainda estão Dale Robertson e Robert Wagner que vêm aí, num filme de cenas de amor torridíssimas, com Terry Moore. Como já



Para Maria Irene, um dos «galãs» preferidos é Farley Granger. Na foto acima a célebre cena do filme «Roseanna Mc Coy», em que êle vibrava uma dentada no braço de Joan Evans! E' assim que Maria Irene prefere?

disse não são pròpriamente bonitões, mas são bem jovens e têm o seu público composto, muitas vêzes, de balzaqueanas.

No nosso cinema temos: Anselmo Duarte, Alberto Rushell, Mário Sérgio e Hélio Souto, para não citar outros. Anselmo, que é casado com Ilka Soares, talvez seja o que tem maior cartaz como bonitão, a julgar pelos "casos" que arranjou ùltimamente. Como aconteceu com Errol Flynn, o coitado foi escolhido por mocinhas de muito pouco caráter (se é que elas mentiram) para fazer o papel fora da tela, de sedutor. Como explicou Anselmo, elas apenas visavam publicidade. Felizmente para êle, livrou-se da acusação. Se essas meninas querem publicidade porque não posam à la Marilyn Monroe, num calendário?

Burt Lancaster é outro bonitão, muito louro, alto e forte, merece entrar na lista embora tenha um tipo abrutalhado. Vem aí no premiado "Daqui para a eternidade". Cornell Wilde, já está perdendo a forma, começou como Chopin, foi Robin Hood, e tanto faz filmes bons ("Amar foi minha ruína") como "abacaxis" ("Entre dois juramentos"), seu modo de pentear o cabelo ainda hoje é seguido pela rapaziada. Existem muitos: Richard Greene, Vittorio Gassman, Jean Marais, Scott Brady, e tantos outros. Para mim porém, o bonitão número um é Marlon Brando. Desde "Uma rua chamada pecado" que certifiquei-me disso e é um ator de verdade, que pouco se importa de aparecer caracterizado a ponto de tornar-se irreconhecível como em "Viva Zapata" — seu "Stanley" de "Uma rua chamada pecado" será sempre lembrado. Para resumir Marlon é o meu ator preferido.

MARIA IRENE GOMES DE MATOS — (Recife - Pernambuco)

A 6.ª VERSÃO DE "PRISIONEIRO DE ZENDA"

Conforme "A CENA" esclareceu na série "Os melhores de todos os tempos ("A CENA" 19, página 8) a atual apresentação de "O prisioneiro de Zenda" é a sexta filmagem do romance.

Foi êsse filme, em sua sexta versão, da Metro, sim, ùnicamente "Metro" (sem Goldwyn nem Mayer ainda) que marcou o início da distribuição dessa produtora pela Paramount. Para ser mais exato, pela "Famous Players Lasky Corporation", entre nós, em substituição da saudosa Realart, lá por 1924, que se extinguiu, deixando grata lembrança de filmes de escol. A "Realart" era um departamento da Paramount especializado em filmes um pouco mais, como direi, "leves", de elite, estrelados sempre por artista do sexo feminino: Mary Miles Minter, Bebé Daniels, Wanda Hawley, Agnes Ayres, Justine Johnstone ou Constance Binney, as 7 "estrêlas" da "Realart". Muita gente sentirá nostalgia ao ler êstes nomes.

A versão em aprêço do "Prisioneiro do Castelo de Zenda" tornou conhecidos Lewis Stone (no duplo papel de Rodolfo de Rassendyll e de rei da Ruritânia) e Ramon Novaro (interpretou Rupert of Hentzau). Alice Terry foi a Princesa Flávia e Barbara La Marr firmou-se em seu gênero encarnando magistralmente Antoinette de Mauban. O filme apresenta dois fatos curiosos: com êle Lewis Stone tornou-se famoso e com a última versão do mesmo romance Lewis Stone (no papel secundário de Cardeal) desapareceu para sempre. O outro fato: no final dessa versão Rupert de Hentzau (Ramon Novaro) morre, em desacôrdo com o romance de Anthony Hope. A Selznik, ao filmar, logo depois, a continuação dêsse filme (a segunda parte do romance) sob o título de "Rupert of Hentzau" teve que apresentar uma espécie de prólogo dando um final dife-

(Continua na página seguinte)

PÁGINA DO LEITOR

(Continuação da página anterior)

rente ao "Prisioneiro de Zenda", ressuscitando, desta forma, o personagem-título do novo filme. Julgo que será agradável reminiscência dizer algumas palavras sôbre "Rupert of Hentzau". Êste filme apresentou um número excepcional de grandes nomes da época, alguns dos quais ainda hoje ressoam nos ouvidos dos fãs de há três decadas: Bert Lytell (Rodolfo de Rassendyll e Rodolfo de Elphberg); Elaine Hammerstein (Rainha Flávia); Bryant Washburn (Ten. Fritz von Tarlenheim); Hobart Rosworth (Coronel Zapt); Irving Cummings (Ten. Bernenstein); Claire Windsor (Helga v. Tarlenheim) e Lew Cody (Rupert de Hentzau). Figuravam ainda: Adolphe Menjou, Mitchel Lewis, Marjorie Daw e Elmo Lincoln. Êste filme foi um marco na história do cinema, ùnicamente prejudicado pelo hábito dos produtos americanos de darem à quase totalidade de seus filmes um final feliz, desvirtuando, desta forma o espírito da imortal obra de Anthony Hope, "O Romance de um Rei".

RODOLFO SPITZER — (São Paulo)

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

CINE - RESPOSTAS

(Continuação da página 32)

JOSE' B. BOERI (Ribeirão Claro, Paraná) — Acreditamos que, cada vez mais, deverá estar apreciando as capas. "A CENA" agradece a atenção. Números para o sorteio dos álbuns: 273, 274 e 275.

MOACIR NOVELLETTO (Lajes, Santa Catarina) — Obséquio de ler a resposta para Leo Resende nesta mesma página. A idéia é muito boa e há muito estava nas cogitações de "A CENA". Gratissimo. Números para o sorteio: 276, 277 e 278.

REYDNER SCHMITZ (Juiz de Fora) — Creio que deve estar justamente orgulhoso sôbre o aproveitamento da sua esplêndida idéia da eleição do melhor filme de todos os tempos. O sucesso tem sido extraordinário, conforme poderá verificar no presente número, com a apuração. Para satisfazer a curiosidade podemos adiantar o filme que, na primeira apuração, ocupa o primeiro pôsto. Trata-se de "Luzes da cidade", de Chaplin. Caso possivel, gostaria que fizesse a gentileza de informar quanto à saida de "A CENA" em Juiz de Fora, a aceitação, etc. Grato por tudo. Números para o sorteio dos álbuns: 279, 280 e 181.

DANIEL ORTIZ (Taubaté) — Entregamos a Alice Gonzaga as sugestões para as capas e biografias de Jean Arthur, Barbara Stanwick e Joan Bennet. O assunto não é fácil de ser resolvido de pronto porque depende de existir ou não material inédito e muito bom, dois atributos nem sempre comuns em encontrar. Grato por tudo. Números para o sorteio dos álbuns: 282, 283 e 284.

A. SANTOS (Uberlândia) — A sua correspondência foi entregue a Jonald que responderá prontamente. Entretanto, envia, desde já, os seus profundos agradecimentos. Números para o sorteio dos álbuns: 156, 157 e 158.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer

Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR dos CABELOS

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME..............................
RUA.................... Nº.....
CIDADE..............................
ESTADO..............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)
Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.
Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

NO PRÓXIMO DIA 22 DE JULHO TERMINARÁ O PRAZO PARA A ENTREGA DOS «COUPONS» DO EMOCIONANTE CONCURSO DE «REPRISES». ENVIE O QUANTO ANTES A SUA OPINIÃO E DIVULGUE AS ATUAIS CARACTERÍSTICAS DE «A CENA» QUE OS PRÓPRIOS LEITORES CONSIDERAM A MELHOR REVISTA DE CINEMA QUE SE PUBLICA NO BRASIL

CYD CHARISSE



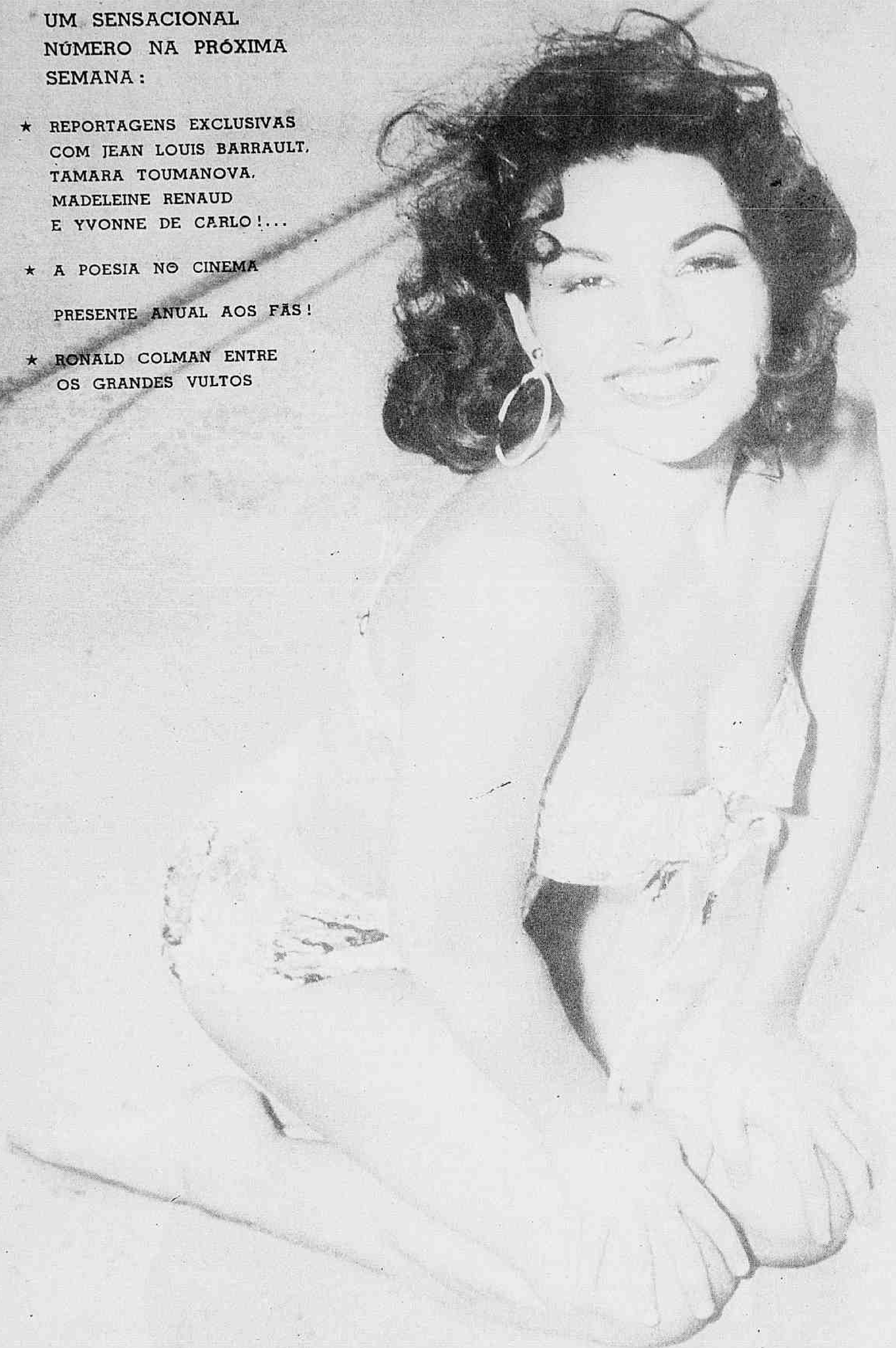
UM SENSACIONAL
NÚMERO NA PRÓXIMA
SEMANA:

- ★ REPORTAGENS EXCLUSIVAS COM JEAN LOUIS BARRAULT, TAMARA TOUMANOVA, MADELEINE RENAUD E YVONNE DE CARLO!...

- ★ A POESIA NO CINEMA

  PRESENTE ANUAL AOS FÃS!

- ★ RONALD COLMAN ENTRE OS GRANDES VULTOS



MARA CORDAY